

A HISTÓRIA DOS BATISTAS

UM ESTUDO DA CONTINUIDADE DAS IGREJAS DE JESUS CRISTO NOSSO SENHOR E SALVADOR

A HISTÓRIA DOS BATISTAS - PRIMEIRA LIÇÃO

A DOUTRINA DA CONTINUIDADE (SUCESSÃO) BÍBLICA DAS IGREJAS DE JESUS CRISTO

TEXTOS: Mateus 18:18-19

Definição dos termos

Definição do termo “igreja”. No texto, Cristo declara: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16:18). Todos os evangélicos (protestantes em geral) concordam com os batistas quando afirmam que este versículo garante a continuidade da igreja até aos fins da época atual, ou seja, até à segunda vinda de Cristo. A diferença de ponto de vista deles com referência ao dos batistas se encontra justamente no sentido da palavra “igreja” com a totalidade de todos os crentes salvos (ao menos, os que se convertem a partir do Pentecostes até a segunda vinda de Cristo), e aí está o problema de interpretação. Na outra América, foi a versão anotada da Bíblia, editada por C.I. Scofield que popularizou a doutrina da igreja “mística, invisível, e universal”. Nas suas notas, o doutor afirma a existência de três definições da mesma palavra, igreja (do grego). Ele diz que o Novo Testamento ensina a existência da igreja como o corpo místico e universal de Cristo, composta de todos os crentes nascidos de novo, desde o Pentecostes até a segunda vinda de Cristo, (ou seja, de Pentecostes até ao arrebatamento dos crentes). A segunda “igreja” que ele enxerga no Novo Testamento é a igreja “visível”, isto é, o que se pode chamar de “cristianismo”, todas as seitas e denominações “cristãs” passando a fazer parte dessa aglomeração. E a terceira “igreja” apresentada por ele é a igreja local. Sua Bíblia anotada, usada por milhões de crentes de todas as persuasões, espalhou efetivamente essa confusão, de tal modo, que a posição batista, que afirma a igreja somente no sentido local, tornou-se interpretação estranha aos olhos dos evangélicos em geral. Até muitos grupos com nome batista adotaram a interpretação de Scofield e ensinam a doutrina da igreja pelo menos de dois sentidos... o de todos os crentes, e a igreja local

A posição doutrinária histórica dos batistas é a de que a igreja do Novo Testamento se refere exclusivamente, em todas as suas referências (a palavra “igreja”, *ekklesia*, aparece 118 vezes) à igreja local, com endereço local, e nunca constitui uma referência a todos os crentes espalhados pelo mundo afora. O conceito de “igreja geral de todos os crentes”, pode, mais biblicamente dito, ser definido pelos termos bíblicos de “a família de Deus”, ou “o reino de Deus”, termos estes que abrangem a totalidade dos crentes desde Adão até o último a ser convertido, a que podem até incluir os anjos que fazem das hostes celestiais”, as quais servem fielmente a Deus.

Definição do termo “continuidade” ou “sucessão de igrejas”. A posição adotada neste estudo da “História dos Batistas”, será a posição histórica batista de sucessão de igrejas batistas (em matéria de doutrina e prática), desde a hora em que Cristo pessoalmente fundou sua primeira igreja local em Jerusalém, até o presente momento. É claro que esta doutrina não significa a possibilidade de traçar nossa história de uma igreja para outra, igreja por igreja. Mas cremos firmemente que tal ligação de igrejas, desde os apóstolos até ao dia de hoje, realmente existe. O motivo preponderante para tal convicção não surge do testemunho, que havemos de estudar, dos historiadores que indica a continuidade dos batistas e seus princípios. Provém, principalmente da promessa de Cristo de que “as portas do inferno não prevalecerão contra a sua igreja” (Mateus 16:18), e de que Ele, pessoalmente, está presente com suas igrejas “até a consumação dos séculos” (Mateus 28:20). Dada a definição de igreja como somente local, essas promessas garantem tal sucessão de igrejas ou corpos organizados locais até ao fim da época atual, Mesmo se não tivéssemos convincentes provas

históricas da existência de pelo menos alguns grupos batistas através dos séculos, ainda creremos em tal continuidade, apoiando-nos nas palavras sagradas de nosso Salvador e Fundador, Jesus Cristo.

OS BATISTAS SEM FUNDADOR HUMANO. A tese de quase todas as denominações, com exceção da católica romana, a respeito de tal continuidade, é de que o cristianismo (confundido geralmente por eles com “a igreja cristã”) deturpou-se desde os dias do imperador Constantino (o primeiro a aceitar o “cristianismo” e fazer dele a religião do Império Romano, cerca do ano 313 d.C.). Portanto, coube a qualquer reformador ou líder religioso a tarefa de “recuperar” ou “restaurar” o cristianismo primitivo. Deste o surgimento de Martinho Lutero do século 16, o número de tais “restauradores” aumenta cada vez mais, a tal ponto de defrontarmos atualmente com um número sem fim de seitas e denominações, todas afirmando serem as “verdadeiras” igrejas de Cristo. Os batistas, porém, discordam firmemente com essa pressuposição, e afirmam que a igreja de Cristo, em qualidade de Instituição Divina, garantida a sua perpetuidade pelo próprio fundador Jesus Cristo, nunca cessou de existir através de todos os séculos, e que ainda se encontra incorporada nas muitas igrejas batistas de doutrina histórica neotestamentária, espalhadas pelo mundo inteiro. Somos, enfim, os autênticos sucessores das primeiras igrejas organizadas durante o primeiro século da era cristã, pelos apóstolos, muitos dos quais aparecendo antes da morte dos próprios apóstolos, contribuíram para o desvio de uma boa parte das igrejas cristãs, mas, ao lado das igrejas apóstatas, eventualmente unidas sob a presidência de Constantino e, ainda mais tarde, dos papas, existem até hoje igrejas fiéis, embora terrivelmente perseguidas pelos “cristãos” da igreja estatal (a igreja católica), e ainda mais tarde, pelas igrejas reformadas “protestantes”, as quais não demonstraram menor ardor no seu zelo de extirpar e acabar com as igrejas batistas em todos os países onde elas se encontravam.

Os batistas não têm fundador ou organizador humano, com exceção do próprio Cristo. Até alguns pretendem achar a origem dos batistas com o inglês Smyth ou seu colega Helwys, mas, como veremos mais adiante, esses dois organizaram igrejas que tiveram pouca influência na vida batista da época. Os batistas os antedatam e sua presença se fazem sentir mesmo na Inglaterra muito antes do aparecimento desses dois personagens. Até hoje ninguém conseguiu e nem consegue identificar um fundador humano para os batistas. Esta honra atribui-se exclusivamente a Jesus Cristo! Por outro lado, todas as demais seitas e denominações têm que as fundou – a igreja católica por Constantino, a luterana por Martinho Lutero, a presbiteriana por João Calvino e João Knox, a anglicana por Henrique VIII, a “igreja de Cristo” por Alexandre Campbell, Brasil para Cristo por Manuel de Melo, a Igreja Universal do Reino por Edir Macedo, etc.

4. A igreja organizada por Cristo antes da sua morte na cruz. Antes de embarcarmos no estudo da continuidade das igrejas de Cristo, será proveitoso estabelecer as provas bíblicas da fundação da igreja (local) por Cristo durante ao seu ministério pessoal. Os evangélicos em geral apontam o dia de Pentecostes como sendo o “dia natalício da igreja”, e citam I Coríntios 12:13 como prova desta tese. Este versículo, na versão de Almeida, diz: “Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito”. Mas o batismo deste versículo, se for referência ao batismo no Espírito Santo, indica o que aconteceu no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo veio para a igreja uma vez por todas para autenticá-la e prepará-la para sua missão de evangelização mundial. Por outras palavras, se o verso tratar do batismo no Espírito, foi cumprido no dia de Pentecostes e não se repete mais em nossos dias. Se for, porém, uma referência ao batismo em água, o verso diz que cada um de nós foi batizado em um só espírito, ou disposição de coração, visando nossa identificação NO CORPO DE CRISTO, e, portanto, não diz nada de uma suposta fundação da igreja pelo Espírito Santo. Cristo mesmo a fundou e organizou.

Podemos ver nos evangelhos que Cristo convocou os discípulos já batizados por João o Batista, assim formando sua igreja. Os 12 apóstolos foram o primeiro dom espiritual colocado na igreja local (I Coríntios 12:28), indicando que a igreja já existia antes que Cristo assim chamasse e colocasse os doze (Marcos 3:13-19). Cristo doutrinou esta igreja durante três anos e meio. Ele lhes entregou “a chave”, a autoridade dEle para sua obra (Mateus 16:19), no exercício dos quais, Cristo deixou instruções para a disciplina dos membros (Mateus 18:15-18). Também Ele os autorizou a realizar batismos dos convertidos (João 4:1-2), entregou-lhes a celebração da Ceia do Senhor (Mateus 26:26-30, I Coríntios 11:23-29), tudo isso antes da Sua crucificação. Depois da Sua ressurreição e ascensão, e durante a espera de 10 dias até Pentecostes, esta igreja se reunia com os apóstolos, tendo um “rol de membros” de 120 (Atos 1:13-15). Esta mesma igreja ainda realizou, com aprovação do Espírito Santo, uma “sessão de negócios” na qual se elegeu um apóstolo para tomar o lugar de Judas, o traidor (Atos 1:16-26). A igreja já funcionava antes do dia de Pentecostes! O que aconteceu naquele dia? Simplesmente foi a igreja revestida do poder do alto para realizar sua missão (Lucas

24:49; Atos 1:8) e confirmar a igreja como corpo de Cristo constituído tanto de judeus como de gentios (gente de outras raças). Isto foi demonstrado pela confirmação do acontecido no caso dos samaritanos (Atos 8:14-17) e dos gentios (romanos) no caso de Cornélio e seus parentes (Atos 10:44-48).

Será a sucessão de igrejas provenientes desta primeira organizada pelo próprio Cristo que estudaremos. Veremos que há uma linhagem maravilhosa, senão muito sofredora, que haveremos de descobrir pelas páginas da história dos batistas. Façamos jus a essa linhagem nobre, sendo nós firmes e fiéis aos princípios pelos quais nossos antepassados espirituais estavam dispostos até a darem suas vidas!

PONTOS PARA PENSAR::

- 1) Comente as “três igrejas” definidas por C.I Scofield na Bíblia cidadã por ele.
- 2) Qual a definição de “igreja” defendida pelos batistas?
- 3) Quais os termos bíblicos que abrangem a totalidade dos crentes?
- 4) Que tipo de “continuidade” ou “sucessão” é defendida pelos batistas?
- 5) Qual a base da nossa doutrina de continuidade?
- 6) Qual a tese dos protestantes pela qual procuram justificar através de algum líder religioso?
- 7) Qual a diferença básica que existe entre os batistas e os protestantes em geral quanto ao seu fundador?
- 8) Como entendem muitos evangélicos I Coríntios 12:13?
- 9) Qual a interpretação melhor deste versículo (I Coríntios 12:13)?
- 10) Quais as provas bíblicas que a igreja existia organizada e funcional, antes do dia de Pentecostes?
- 11) Qual a finalidade do “batismo do Espírito Santo” no dia de Pentecostes com relação à igreja?

SEGUNDA LIÇÃO - (INTRODUÇÃO GERAL)

As primeiras mudanças, ou seja, os primeiros desvios da simplicidade e pureza apostólica que se nota nas igrejas durante os primeiros três séculos da nossa era, foram os seguintes (mencionados no “Rasto de Sangue”, páginas 10-15):

1) o pastor da igreja local deixa de ser um “servo” e começa a assumir atitudes de “príncipe”, chegando a ser entronizado com seus servos em volta, assim copiando os governantes e reis do Império Romano. Assinala-se assim o início da distinção de clero dos “leigos”, e iniciam-se as “graduações” da hierarquia eclesiástica que mais tarde produziu o papado; 2) as cerimônias simples que denominamos de “ordenanças simbólicas da igreja”, o batismo e a ceia, começam a tomar um sentido muito alheio ao dado no Novo Testamento, isto é, começam a tomar a natureza de “sacramentos”, ministrados para salvar, ou ao menos ajudar na salvação das almas. Aqui se inicia a doutrina chamada “regeneração batismal”, ou seja, salvação através do batismo e também da ceia; 3) o início da prática de conceder o batismo às crianças, resultado lógico do erro nº 2, se bem que esse desvio não se tornou uma prática geral até muito mais tarde.

Quanto a erro nº 1, foi Cipriano, “bispo” da igreja grande de Cartago, África do norte, que promoveu, ativamente, a idéia da supremacia do pastor, não apenas sobre os membros da sua igreja, bem como sobre os “pastorzinhos” das igrejas das vilas, cidadezinhas, e dos campos da sua região. Foi ele que inventou a famosa frase, “o bispo e a igreja é a igreja é o bispo”, (Orchard’s History of The Baptists, página 30). Nessas igrejas, e em outras filiadas, foi nos primeiros 250 anos da nossa era que apareceram numerosas inovações para agradar o gosto dos pagãos, assim induzindo-os a deixar o paganismo para aderirem ao “cristianismo” (Orchard página 31). Com esse influxo de pagãos, muitas vezes não convertidos, mas batizados e feitos membros da igreja, é que foram penetrando nas igrejas idéias paganizadas, tais como o dar ao batismo uma ar de mágica lhe outorgando o poder de realmente remover a mancha do pecado original! Assim nasceram os “sacramentos” da igreja. o 3º erro se seguiu, pois, se o batismo é necessário para salvar a alma do inferno, para que adiar? Deve-se dá-lo tão logo possível, poucos dias depois do nascimento do bebê! A única “autoridade” citada da Bíblia para justificar essa nova doutrina, foi o caso dos judeus serem circuncidados poucos dias depois de nascer a criança, segundo o pacto feito por Deus com Abraão (Gênesis 17:10-14)

Mas quem pensa que esses erros foram adotados e praticados universalmente durante esses primeiros séculos, deve recorrer aos historiadores eclesiásticos (Mosheim, Schaff, Naander etc.) onde verá que houve muito protesto e muitas reações negativas a essas mudanças. Falando especialmente da inovação do “bispo” ambicionar poderes não lhes outorgados pela Bíblia, Orchard diz na página 311: “Durante o desenvolvimento dessas corrupções (nas igrejas), as igrejas durante 300 anos permaneceram no estado em que foram organizadas pelos apóstolos, isto é, totalmente independentes umas das outras, unidas somente pelos laços fraternais, e as práticas corruptas não prevaleceram dentro de algumas das igrejas no mesmo grau que prevaleceram dentro de outras, principalmente naquelas regiões de ordem camponesa, onde os objetos que estimulavam os pastores às rivalidades raramente se viam”. Ele prossegue, dizendo que durante os primeiros 50 anos do século três (200-250 d.C.) muitas vozes se levantaram contra essas inovações, e igrejas formadas por “dissidentes” aparecem em todo o Império Romano em grande número. E, principalmente, na Itália, diz ele, (página 32), havia muitas dessas igrejas “as quais nunca tinham estado em comunhão com a Roma...”, a qual estava querendo se opor como a “matriz” do cristianismo, já que a sede do Império Romano se encontrava naquela cidade.

OS TERTULIANISTAS E OS MONTANISTAS

Os montanistas apareceram antes do fim do segundo século, nas regiões montanhosas da Frigia da Ásia Menor. Diz Euzébio (página 194ss da sua História Eclesiástica, em Inglês), que essa “seita” foi fundada por um tal de Montano e caracterizado por “visões e profecias”. Mas, evidentemente, a verdade foi muito torcida pelos seus inimigos, pois, o único montanista cujos escritos existem até nossos dias são de Tertuliano, de Cartago, o qual deixou sua igreja, a de Cipriano, e se uniu com uma igreja montanista da mesma cidade. Esse fato vem ressaltar duas verdades: 1) essas igrejas (montanistas) já eram numerosas até essa data (215 d.C.) quando Tertuliano ingressou em uma delas, 2) elas não eram, evidentemente, do tipo “pentecostal” como alegam seus inimigos que tanto as odiavam (sendo o próprio Eusébio um dos memos!). Cremos que a história dessas igrejas ficou muito deturpada pelo ódio e pelos preconceitos daqueles que a escreveram! De qualquer maneira, temos os escritos de Tertuliano diante de nós, e podemos deixar que um verdadeiro montanista nos fale!

Quem era Tertuliano? Foi um erudito advogado pagão de Cartago, nascido no ano 155 d.C. Ele se converteu e mais adiante se tornou um dos anciãos da igreja popular (que mais adiante se tornou a igreja CATÓLICA do lugar). Ele ficou decepcionado pelo relaxamento da liderança dessa igreja e tentou influenciar a igreja a tomar mais cuidado na maneira de admitir membros, exortando-os rigorosamente, constatando bem de que eram primeiramente convertidos antes de dar-lhes o batismo (Orchard, páginas 32 e 69). Orchard diz: “Tertuliano achava que sua igreja e as igrejas nas proximidades de Cartago cresciam rapidamente, e que tinham perdido já a simplicidade da religião cristã. Durante algum tempo, ele se esforçou por segurar a torrente, através de um exame mais enérgico dos candidatos ao batismo, e quando alguns se apresentavam à igreja para se tornarem membros, que alegavam terem sido já batizados, em outro lugar, ele insistiu em examiná-los de novo e em batizá-los de novo, a não ser que eles pudessem provar que tinham sido batizados por igrejas em comunhão com a de cártago!”). Diríamos que ele agia como um batista bem zeloso dos nossos tempos!

Contra a doutrina errada sobre a salvação bastimal, Tertuliano não foi menos positivo! Segundo Orchard (página 33, citando os escritos do próprio Tertuliano), ele afirma: “A alma é santificada, não por uma lavagem (em água), e sim, pela indagação de uma boa consciência para com Deus (I Pedro 3:21). O batismo, diz ainda Tertuliano, é o selo da fé, e essa fé é embelezada e iniciada pelo arrependimento. Não estamos lavados (batizados), portanto, para que deixemos a prática de nossos pecados, e sim, porque já deixamos, e estamos JÁ (antes do batismo) purificados em nossos corações!” Parece ter sido também um batista nas suas convicções sobre a salvação e o batismo!

Muitos historiadores, baseando-se na história, cheia de preconceitos, escrita por Eusébio e outros, vêem no “movimento montanista” o fanatismo ignorante. Mas o próprio Philip Schaff, autor de uma história eclesiástica reconhecida praticamente por todas as denominações, afirma o seguinte na página 421 do primeiro volume da sua “History of the church”: “Tertuliano diz que (os objetivos doutrinários dos montanistas) consistem na reforma da disciplina nas igrejas, e num entendimento mais profundo das escrituras, e num esforço para atingir-se uma purificação

maior, que eles tinham a **mesma fé**, o mesmo **DEUS**, o mesmo **CRISTO** e as mesmas **ordenanças** (chamadas por Schaff de **sacramentos**) que os católicos (daquela época!). Lembremo-nos que a palavra “católico” não tinha o mesmo sentido que traz hoje em dia; significava apenas “ortodoxo”, ou seja, “de doutrina correta, aceita pelas igrejas verdadeiras de Cristo”. É certo que essas igrejas “católicas” mais tarde se corromperam mais e mais até o papismo do sétimo século, mas na época de Tertuliano (antes do ano 250 d.C.), a diferença maior entre elas e as igrejas montanistas não era uma diferença doutrinária, senão de pureza de disciplina! em outras palavras, as igrejas ditas “tertulianistas” ou “montanistas” insistiam em que os membros fossem pessoas realmente convertidas, renascidas, regeneradas, e que demonstrassem uma vida totalmente transformada e livres dos vícios e dos pecados já antes de serem batizadas! Eram igrejas verdadeiramente batistas!

A igreja á qual Tertuliano aderiu, e em que ele se tornou um dos pastores, lá em Cartago, durou mais de duzentos anos (Orchard, página 115). Agripino, seu primeiro pastor conhecido por nome, junto com o próprio Tertuliano. admitiam membros através de um exame preparatório e o batismo, mas todos que ingressavam na sua igreja, procedentes de outras igrejas, foram “re-batizados”. Assim faziam também todas as demais igrejas montanistas! Tertuliano dizia: “O batismo dos hereges não é o mesmo que o nosso” (“Batismo Estranho e os Batistas”, por W.M.Nevins).

Nas próximas lições prosseguiremos em nossa procura de outros grupos batistas através dos séculos, mas já neste estudo, encontramos batistas bem identificáveis logo depois da época apostólica nos países da Ásia Menor, Itália, Grécia, África do Norte, a qual uma região densamente povoada e civilizada nos primeiros séculos da era cristã.

PONTOS PARA PENSAR

Mencione as primeiras três “mudanças” observadas durante os primeiros três séculos.
Qual o nome do homem que promoveu a supremacia do “bispo” nas igrejas?
Deve-se entender que as igrejas se desviaram **totalmente** do modelo apostólico nessa época?
como era o zelo de Tertuliano na sua igreja original (a de Cipriano)?
Por que ele se separou dela para se unir a uma igreja “montanista” (batista)?
Qual a doutrina dele a respeito do “re-batismo”?
Qual a doutrina dele sobre o batismo com relação à salvação?
Qual era, afinal, a diferença do zelo das igrejas “montanistas” de Tertuliano e as “católicas” da época?
Como admitiam os montanistas membros para suas igrejas?

OS NOVACIANOS.

Os montanistas (batistas) mais tarde se fundem no movimento de igreja “novacianas”. Não deveremos nos esquecer que esses apelidos lhes foram dados pelos seus inimigos, aderentes à igreja popular e mundana que mais tarde se tornou a igreja católica romana. No ano 250 d.C. em diante, notamos na história a existência de numerosas igrejas que se conservam separadas das igrejas católicas, e “rebatizavam” os que destas passavam para elas. Um dos pastores mais destacados foi Novaciano de Roma, e os historiadores gostam de lhe conceder a honra de ser o “fundador” do movimento novaciano, mas, como veremos, ele simplesmente era um dos exemplos mais notáveis dos pastores que levantaram a voz contra a corrupção na igreja popular, e que se separou da mesma! Ouçamos o testemunho de um historiador não batista, quanto à origem e extensão das igrejas novacianas, o de Roberto Robson, na sua obra “Robson’s Ecclesiastical Researches”, página 126, citado por W.A Jarrell, “Baptist Church Perpetuity, páginas 86-87:

“O caso com resumo é o seguinte: Novaciano era um ancião da igreja de Roma. (Ele tinha sido consagrado como um ancião entre vários da igreja que eram conselheiros do pastor). Era um homem erudito, e sustentava a mesma doutrina que a sua igreja ensinava, e chegou a publicar várias obras em defesa dessa doutrina. Sua maneira eloqüente de pregar e convincente, e quanto à pureza da sua vida, era irrepreensível. Ele via com muita dor a depravação intolerável da sua igreja; os cristãos eram, no espaço de poucos anos, acariciados por um Imperador Romano (pagão), e perseguidos por outro. Em épocas de paz, muita gente ingressava precipitadamente na igreja por motivos duvidosos. Em épocas de perseguição, negavam a fé e voltavam de novo para a idolatria. Quando a tempestade passava,

regressavam para a igreja, ingressando e levando para dentro dela todos os seus vícios, para corromper os outros por seu exemplo. Os bispos (pastores), desejosos de fazer adeptos, incentivavam isso, e desviavam a atenção dos cristãos da antiga luta em prol da virtude, para os espetáculos vãos na Páscoa, e outras mil cerimônias de origem judaica, misturadas, também, com o paganismo! Quando o bispo (pastor) Fabiano morreu, um dos anciãos colegas de Novaciano, cujo nome era Cornélio, o qual era um adepto entusiasmado da idéia de receber toda essa gente, foi nomeado para ser pastor da igreja. Novaciano foi contra essa nomeação, mas quando Cornélio ganhou a eleição pela igreja, Novaciano via que a igreja não podia mais ser corrigida, e, pelo contrário, estava sendo inundada de imoralidade, e ele resolveu se retirar da igreja com um número considerável dos seus membros... **muitos seguiram o seu exemplo**, e por todo império romano igrejas “puritanas” apareceram e floresceram através dos seguintes 200 anos. Mais tarde, quando as leis penais os obrigaram a reunir-se clandestinamente, e a se esconderem, eles eram conhecidos por uma variedade de nomes, e uma sucessão deles continuou até a época da grande reforma (1.500 d.C.)!

As igrejas novacianas, através do Império Romano, eram quase tão numerosas quanto às católicas! Os católicos não podiam chamá-los de “herejes”, pois eram bem “ortodoxos”, nas suas doutrinas bíblicas. Eles não tinham nada com os “gnósticos”, ou os “maniqueus”, ou outras muitas heréticas. O Imperador Constantino, o primeiro imperador a se “converter” cristão, queria, no início do seu reinado, reconciliar os novacianos com os católicos, mas os novacianos não queriam saber de se unirem com igrejas “impuras”! Conseqüentemente, incentivado pelos pastores católicos, Constantino iniciou uma severa perseguição contra eles, destruindo muitas igrejas dos novacianos, e tirando-lhes suas propriedades e seus direitos de livre culto. Agora os cristãos nominais (católicos) lançam mão do poder secular do governo para fazer o que não podiam fazer através da PALAVRA: vencer e destruir o povo e a doutrina dos novacianos!

As igrejas novacianas eram **congregacionais**, quanto ao seu governo, como as igrejas batistas de hoje. Elas excluía membros que cometiam pecados grosseiros, e em certos casos, como o de um cristão ter negado a Cristo durante uma perseguição, para fugir ao sofrimento, as igrejas novacianas **não o readmitiam ao seio da sua comunhão!** Diziam que não negavam a possibilidade dos mesmos serem perdoados e salvos por deus, mas que não devia pôr em perigo a pureza da igreja ao admitir tais pessoas. Por outro lado, as igrejas católicas e populares, davam as boas-vindas a essas pessoas. As igrejas novacianas não as reconheciam com igrejas verdadeiras de Cristo, e deixavam de reconhecer o seu batismo, re-batizado qualquer que passava das igrejas católicas para as suas. Eram por isso chamadas de **ANABATISTA!**

As igrejas novacianas eram, realmente, **as continuadoras** das igrejas primitivas. Adolf Harnak, um grande historiador eclesiástico, citado por W.A. Jarrell (página 84) diz dos novacianos: “Está fora de dúvida que os novacianos conservavam as velhas tradições (apostólicas), e a idéia da igreja como sendo a comunhão dos santos (crentes de vida pura) corresponde **exatamente a idéia prevalecente nos primeiros dias do cristianismo!**” Os novacianos consideravam as igrejas católicas como sendo as **desviadas**, as quais se tinham separado da comunhão das verdadeiras igrejas de Jesus Cristo!

Pela influência de Agostinho e Cipriano da África do norte, e os pastores católicos de Roma, os quais odiavam os novacianos e os donatistas (que eram o mesmo povo, com outro apelido), os imperadores do império, um do oeste, outro do leste, Teodósio e Honório, fizeram um edito declarando que **todas as pessoas re-batizadas, bem como os rebatizadores, seriam punidos com a morte!** Um dos pastores novacianos, Albano, foi, de acordo com esse edito, morto; a seguir, vários outros novacianos também o foram. Esse edito foi publicado no ano 413 d.C., levando os pastores romanos a agirem, sem medo de serem castigados pelas autoridades, no sentido de roubarem os novacianos de praticamente **todas as suas igrejas** em Roma, bem como em uma boa parte do império. Muitos deles fugiram para o norte da Itália, passando pelas montanhas para a Europa, e foram conhecidos pelo nome de **valdenses**. Também, suas igrejas foram confundidas, e, certamente, se associaram depois com os **donatistas** que surgiram um pouco mais tarde na África do Norte, espalhando-se também por todo o império. Mas com apelido de **novacianos** traçamos sua existência até o fim do sexto século depois de Cristo! Certo historiador, Lardner, diz: “A extensão vasta desta “seita” torna-se manifesta pelos nomes dos autores que escreveram combatendo-a, e também das muitas partes do império romano em que os novacianos apareceram. Fica evidente, também, que estas igrejas tinham, entre elas, algumas

peças de nota e eminência!” (Os fatos, acima citados foram extraídos de várias histórias eclesiais, citadas principalmente por Orchard, “A Concise History of The Baptists”, páginas 53-63).

Sem dúvida, ao estudarmos a história dos “novacianos”, nos deparamos de novo com uma **sucessão de igrejas batistas** que remonta a época apostólica! “Os portões do inferno” não conseguiram vencer a verdadeira igreja de Jesus Cristo!

PONTOS PARA PENSAR:

Por que dizemos que Novaciano não era **realmente o fundador** das igrejas novacianas?

Por que a **parte pura** da igreja de Roma **se separou**, junto com Novaciano da maioria da mesma?

Eram numerosas, ou poucas, as igrejas novacianas?

Em que pontos se assemelham as igrejas novacianas às igrejas batistas verdadeiras de hoje?

Até que século os novacianos apareceram na história com esse nome?

Quais alguns nomes pelos quais os novacianos foram conhecidos mais tarde?

Como a sucessão dos batistas desde os apóstolos até hoje é provada através dos novacianos?

.

OS DONATISTAS

Um pouco mais de 100 anos que surgiram os montanistas e 50 anos depois que apareceram os novacianos, descobrimos na história do cristianismo outro grupo muito grande apeladas de “puritanas” por seus inimigos das igrejas mundanas (católicas). Tratam-se dos donatistas, que apareceram na história cerca de 300 d.C. Mais uma vez, essas igrejas são identificadas por um dos seus líderes, um pastor de Cartago, na África do Norte, que separou-se da igreja grande e mundana e foi pastorear uma igreja “puritana” da mesma cidade. Todas as igrejas “separatistas” da região ficaram com os nomes de “donatista” e “anabatista”.

Citamos diretamente da “History of the Baptist”, de Thomas Armitage, DD., escrita no século passado, página 200, com referência ao local de maior número dessas igrejas: “A agitação donatista surgiu na África do Norte no ano 311 d.C., com seu centro na cidade de Cartago, em Numídia, e na Mauritânia. Sua extensão abrangia quase sete graus de latitude norte, onde havia, naquela época, vastos centros de comércio e de influência, solos e climas, delineando uma extensão de terra de quase 3.500 Km. de comprimento, e 500 de largura, desde o Egito até o mar atlântico, e beirando as montanhas Atlas, o Mar Mediterrâneo, e o deserto. Nessa região, a independência das igrejas tinha sido mais firmemente conservada do que em muitos outros lugares, e a ameaça (pelo imperador, incentivado pelas igrejas católicas) de roubar essa independência fez com que elas se levantassem para defendê-la com vigor. Merivale diz dos donatistas: “Eles representavam o princípio dos montanistas e dos novacianos, que diz que a igreja verdadeira de Cristo é somente a ASSEMBLÉIA DE PESSOAS REALMENTE SANTAS, e não admite aqueles que são simplesmente membros nominais as suas igrejas”.

Na sua história dos batistas “Baptist Denomination”, por David Benedict, ele cita a “História dos Donatistas”, de Long, e a história do cristianismo de Lardner (página 9): “Os donatistas, segundo dizem, derivam seu apelido de Donato, nativo da Numídia, na África, o qual foi eleito bispo (pastor) de Cartago, cerca de 306 d.C.. Foi um homem de erudição e eloquência e de alto padrão moral... o qual se dedicou a combater as corrupções crescentes da igreja católica. Os donatistas eram, conseqüentemente, um grupo separado de cristãos, que apareceu durante mais ou menos três séculos, e em quase todas as cidades da África (do norte), havia um bispo (pastor) desta seita (os donatistas), e outro dos católicos. Os donatistas eram muito numerosos, pois descobrimos que no ano 411 d.C.. foi realizado um debate famoso em Cartago entre os donatistas e os católicos, no qual estavam presentes 286 bispos (pastores) católicos, e 279 pastores donatistas, e que, ao se levar em conta o seu rigor de disciplina, dá-nos uma impressão muito deplorável do seu número, e muito especialmente quando lembramo-nos de que eles eram sujeitos à perseguição severa e sanguinária da parte do partido dominante (os católicos). O imperador Constance, o qual reinou sobre a África, incentivado pelo zelo de sua família pela paz da igreja, enviou duas pessoas de eminência, Paulo e Macário, no ano de 384 d.C., para realizar uma conciliação entre os donatistas e os católicos, e, se possível, restaurá-los para a comunhão

da igreja católica. Mas os donatistas não queriam saber de reconciliarem com uma comunhão tão impura! Em resposta a todas as suas propostas de paz, os donatistas diziam: “*Quid est imperatori cum ecclesia?*”, isto é, “O que tem o imperador com a igreja?” Optato, (um bispo católico que combatia os donatistas) relato outro ditado dos donatistas: *Quid christimis cum regibus, aut quid episcopis cum palatio?*”, isto é, “O que tem os cristãos com os reis, ou o que fazem os bispos (pastores) no palácio (do imperador)?” Essas palavras dos donatistas confirmam claramente suas atitudes quanto a separação da igreja e do governo civil, as quais combinam com as do batistas de hoje.

Orchard (Concise History of the Baptists, páginas 86-87) cita o historiador: “As igrejas dos donatistas da África eram 400 em número”. Ele também diz que outros nomes dos donatistas eram “Montanheses”, isto é, gente das montanhas. Citando uma porção de historiadores, Orchard dá os seguintes fatos interessantes sobre os donatistas: “Eles não eram diferentes em doutrina dos católicos, e sim, no padrão moral, e separaram-se por defenderem uma disciplina rigorosa. Afirmavam que a igreja de ser composta de homens justos e santos... e embora pessoas ímpias pudessem se esconder na igreja, isso não justificava deixar que homens ABERTAMENTE PERVERSOS fizessem parte da comunhão da igreja... Achavam que deviam conservar a igreja separada do mundo... e admitiam a sua comunhão somente pessoas fazendo

OS PAULICIANOS.

As fontes principais das nossas informações a respeito dos paulicianos são “A História do surgimento e do declínio do Império Romano”, obra monumental escrita por Gibbon, um ateu confesso, e a muita conhecida e citada obra, “História Eclesiástica” de Mosheim, o historiador luterano (obra esta publicada no ano de 1.755 d.C.) Os dois derivam a maior parte de dois escritores católicos, Fótio e Sículo, da época dos paulicianos, os quais procuram difamar os paulicianos, e, portanto, torcem os fatos de tal forma que se torna difícil chegar a uma idéia exata das suas crenças. As pesquisas feitas por historiadores batistas, porém, nos convencem de que os paulicianos foram, evidentemente, batistas nas suas doutrinas e práticas. Eles se tornaram numerosos, e, sem dúvida, os seus inimigos aplicaram o apelido “pauliciano” a qualquer que não concordasse com a religião oficial, qual seja, a católica. É por isso que se encontram pessoas que criam em doutrinas realmente erradas que também eram chamadas de paulicianos, mas, nem por isso devemos pensar que todos os paulicianos eram herejes! Muito pelo contrário, eles constituíam as igrejas continuadoras dos apóstolos! Os paulicianos diziam que suas igrejas eram sucessoras das igrejas primitivas do Novo Testamento, e, portanto, deixavam de aceitar o batismo das demais seitas, dizendo, especialmente, dos católicos: “A estes não pertencemos; eles há muito tempo se afastaram de nós, as igrejas verdadeiras, e foram por nós excluídos!” (citado de Gregório Magisto de 1.058 d.C., outra fonte da história dos paulicianos, cuja obra histórica é citada por John T. Christian, “A History of the Baptists”, volume 1, página 50).

Certo maniqueu (doutrina antiga pérsica), pelo nome de Constantino, de Monanalis, na Armênia, no ano 653 d.C., recebeu o Novo Testamento como presente de um diácono batista. Tendo-se convertido, Constantino jogou fora seus livros maniqueus e durante muitos anos pregava e estabelecia igrejas paulicianas, as quais se achavam em toda a Ásia Menor. Ele foi chamado de Silvano, o nome do colega missionário do apóstolo Paulo. Ele foi morto por um “Judas” da sua igreja, pelo nome de Justo, pelas ordens de um oficial do exército, Simeão, que foi enviado pelo imperador grego para exterminar os paulicianos. Mas depois de ver um grande número de paulicianos se entregarem com gozo para serem mortos, Simeão, o perseguidor, se convenceu da realidade da fé deles, a investigou, e se tornou um grande pregador pauliciano, finalmente selando o seu testemunho, também, com sangue. Outro pregador famoso deles, Sérgio, durante 34 anos espalhou a fé dos paulicianos, organizando muitas igrejas. Tanta gente se convertia (no ano de 700 d.C.), que os padres e bispos católicos o chamavam de precursor do anticristo, o qual estava produzindo a grande apostasia da fé (católica) profetizada pelo apóstolo Paulo! Finalmente, a imperatriz, Teodora, (845 d.C.), que implantou a adoração de imagens em todas as igrejas católicas gregas do oriente, baixou decretos visando o extermínio total dos paulicianos, e segundo estatística dos seus oficiais, cem mil (100.000) paulicianos foram torturados e mortos. Mesmo assim, os paulicianos continuavam crescendo em número, e até o século doze, tinham-se espalhados por toda a Europa. Mosheim, embora luterano, confessa que os paulicianos possuíam o “espírito apostólico” e que eles penetram “até as regiões mais bárbaras da Europa com o evangelho”, sem apoio oficial, sem fundos ou sociedades religiosas, e com a ajuda somente das suas igrejas locais, espalharam sua fé e igrejas na França, na Itália, na Búlgaria, na Boêmia, e na Alemanha, talvez atingindo também outros países. Na Itália, ganharam o nome de paterini e cáteri (humildes e

puros), na França, de búlgaro, publicanos, e “boni homines”, bem como o nome de albigenses, da cidade de albi. Estudaremos os albigenses em estudo posterior.

Suas doutrinas e práticas, embora torcidas e difamadas, eram claramente as dos batistas atuais. Eles não aceitavam o batismo de outras seitas, exigindo a fé antes do batismo, batizando somente crentes adultos, e repudiando o batismo infantil. Praticavam somente a imersão total. Eram difamados com o apelido de “maniqueus”, mas eles, pelo contrário, rejeitaram todas as filosofias orientais representadas por este nome. Eram ortodoxos na doutrina da trindade. Quanto ao seu sistema de governo da igreja, rejeitavam a autoridade do papa e dos bispos, tendo somente pastores de igrejas locais, e missionários. Eram, por isso, apelidados de “acéfali”, no grego, “sem cabeça”, pois reconheciam só Cristo como cabeça e chefe da Sua igreja”. Eram acusados por seus inimigos de desprezarem o batismo, mas isso só significava que eles **DESPREZAVAM A PRÁTICA DO SACRAMENTO DO BATISMO INFANTIL!**

Até seus inimigos, com muita relutância, admitem que os paulicianos levavam vidas muito acima da repreensão, mas não deixavam de condená-los mesmo assim, destruindo **TODOS OS ESCRITOS DESTE POVO**. É por isso que estamos limitados aos escritos dos seus inimigos para a maior parte da nossa informação a respeito deles. (Orchard's History of the Baptists, páginas 127-138).

Veremos que a sucessão dos batistas da época dos apóstolos, tendo sido traçada através dos montanistas, novacianos e donatistas, continua com os paulicianos, e depois com os albigenses e valdenses. Esses grupos tinham outros nomes, dependendo do local. Alguns desses (henricianos, arnoldistas, etc.) mencionaremos mais adiante.

PONTOS PARA PENSAR:

Quais fontes principais da história dos paulicianos?
Qual a opinião dos paulicianos a respeito dos católicos?
Dê a história de Constantino, pregador destacado pauliciano
Explique como Simeão se tornou pregador pauliciano.
O que era chamado Sérgio, o pregador pauliciano, pelos vigários católicos?
Qual imperatriz responsável pela morte de cem mil paulicianos?
Comente o “espírito apostólico” dos paulicianos
Comente as doutrinas e práticas batistas dos paulicianos.

OS VALDENSES (do ano 1.100 ao ano 1.500 d.C.)

SEU NOME, SUA ORIGEM E SUA IDENTIDADE

Ao chegarmos a este ponto na história dos batistas, descobriremos que os seus antepassados do período mencionado acima (de 1.100 a 1.500 d.C.) surgem com uma variedade de nomes inventados (como sempre) pelos seus adversários implacáveis da época, com o intuito de difamar aqueles que não se submetiam à autoridade do Papa, os quais se multiplicavam tanto que os católicos viam nessas igrejas “heréticas” uma séria ameaça à sua própria existência e ao seu poder político e espiritual sobre as almas das nações do mundo.

Diz Jones (Conferências Sobre a História Eclesiástica, volume 2, páginas 219-220): “Não será possível dar uma relação completa dos vários nomes e títulos dados (pelos seus inimigos, os católicos) para as “seitas” que surgem nesta época em oposição à Igreja Romana, mas seguem alguns dos principais: foram chamados de cátaros (ou gozari) (os puros), os paterinos (os humildes e sofredores, os paulicianos), os petrobrussianos (de Pedro de Bruis, grande pregador batista da época), os henricianos (de Henrique, outro pregador), os Arnoldistas (de Arnaldo de Bréscia, outro grande pregador), os leonistas (de Leão, França, de onde surgiu Pedro Valdo, os insabatistas (porque não observavam os sábados e os dias dos católicos), os bonés homines (bons homens), os Albigenses (de Albi, da França, onde se encontravam em grande número), os valdenses ou vaudois... Será necessário lembrar-se de que este povo (os paulicianos) era o tronco principal do qual a maioria dessas “seitas” surgiram. Em sua segunda obra, Jones diz

(História da Igreja Cristã, páginas 4-5): “Alguns escritores (historiadores) tem-se esforçado para demonstrar que os valdenses e os albigenses eram classes de cristãos totalmente diversas uma da outra, e que eles defendiam doutrinas diferentes, mas não existe nenhum motivo para essa suposição. Quando os papas saíram com suas “fulminações” contra os albigenses, eles os condenam pelo nome de valdenses; seus legados fizeram guerra contra eles como confessando a fé dos valdenses, os monges da inquisição fazem seus processos e suas acusações contra eles, lhes atribuídos o nome de valdenses; eram perseguidos sob esse nome, e com gozo adotaram este nome quando lhes conferido pelos inimigos, julgando-se honrados pelo mesmo... Está provado, pelos livros deles, que eles existiam com valdenses, antes de Pedro Valdo, o qual começou a pregar cerca do ano 1.160 d.C. Perrin, o qual escreveu sua história, tinha em mãos um Novo Testamento na língua deles, a valesa, escrito em pergaminho, em letra muito antiga, e também um livro com o seguinte título, na sua língua: “Qual cosa sia I’ Antichrist?”, isto é, “O que é o Anticristo?” Este livro trazia a data de 1.120 D.C., que remonta, no mínimo, a VINTE ANOS DE VALDO. Outro livro deles, intitulado: “A lição Nobre”, traz a data de 1.100 D.C.

Jones habilmente os defende de um dos apelidos injustamente aplicados aos valdenses, a saber, o de “maniqueus”. Esse sistema de heresia consiste em uma forma de “dualismo”, afirmando haver duas divindades, a da luz, e outra das trevas, igualmente poderosas. Como todos os antigos batistas afirmavam o mundo estar debaixo do reinado de Satanás, inclusive o Papa e a Igreja Católica, não é de se admirar de que os seus perseguidores católicos se agradassem em lhes outorgar esse nome odioso para deixa-los difamados e desonrados diante do povo.

Devemos notar, porém, que existem verdadeiros “hereges” nesses tempos que ensinavam doutrinas bem antibíblicas, os quais foram todos confundidos pelos católicos sob o mesmo nome, “valdenses”. Desse modo, os mesmos queriam lançar sobre os batistas mais desonra aos olhos dos povos da época. Convém, saber também, que os verdadeiros valdenses e albigenses combatiam essas heresias com a Palavra de Deus, e negavam possuir qualquer ligação com as mesmas, condenando o maniqueísmo e todas as demais heresias da época. Eram verdadeiros crentes na Bíblia e verdadeiros batistas. Isso verificamos mais adiante ao examinarmos o que seus adversários e eles mesmos dizem a respeito das suas doutrinas. Ademais os valdenses batistas bíblicos se queixavam do tratamento católico de confundilos com os hereges da doutrina errada.

Jones (Conferências, página 251) diz:: “Ao ler as obras dos historiadores Mosheim, Dupin, Fleury, e outros, o leitor levado a pensar dos cátaros, dos paulicianos, dos arnoldistas, dos leonistas, dos paterinos, dos albigenses, dos valdenses, e de muitos outros, como tantas outras seitas contrárias, as quais defendiam sentimentos doutrinários diversos uns dos outros, e lutavam umas contra as outras... disso nada poderia ser mais longe da verdade e dos fatos conhecidos!” Jones cita o conceituado historiador tuano, que escreveu a “História dos Seus Tempos”, isto é, de 1.546 a 1.608 d.C., na qual ele, embora não batista, traça a sucessão dos valdenses desde Pedro Valdo de 1.160 d.C. até os tempos de Lutero, 1.500 d.C. Ele diz que Valdo levou as doutrinas dos valdenses até Holanda, Alemanha, e finalmente para Boêmia, onde eram chamados de picardos. Ele diz que o colega de Valdo, certo Arnaldo, levou a doutrina para Languedoc, a cidade de Albi, da França, de onde surgiram os albigenses que se espalharam por toda a França. Os sucessores de Arnaldo foram os pregadores Esperon e José (por isso os apelidos josefistas, arnoldistas, esperonistas, e gázaros). São chamados de os “pobres de Leão, ou leonistas, os tramontanos, paterinos, e lolardos. Ele cita o Papa Gregório IX com afirmando: “Como no caso das raposas de Sansão, esses todos têm caras diferente, mas as suas caudas amarradas juntas”, porque eles pregavam contra a riqueza exorbitante, o orgulho, e os vícios dos papas e do clero católico em geral.

Quanto à origem do nome “valdense”, Jones afirma (História, página 3): “Em languedoc (França) os católicos pretendiam que a origem desses “hereges” (os valdenses) fosse recente, e que derivavam seu nome de vaudois ou valdense do Pedro Valdo, destacado pregador deles, cujos seguidores seriam chamados de valdenses”. Ele, porém, demonstra que em outras regiões o mesmo povo trazia também o nome de ilustres pessoas do seu meio, como josefistas em Dauphine, henricianos em languedoc, em outras províncias petrobrussianos, de Pedro de Bruis. Às vezes ganhavam apelidos da sua maneira de viver, como o de “cátaros” (puritanos), e às vezes do país de onde tinham emigrados, como no caso de búlgaros e “bougres” da Bulgária. Na Itália eram chamados “fraticelli”, homens da irmandade, por causa do amor fraternal que prevalecia no meio deles. Por vezes erma chamados de “paulicianos” e por deturpação desse apelido, “paulicianos”, por serem considerados descendentes da seita antiga, a qual no século SETE se espalhou por toda a Armênia e Trácia, e, sendo terrivelmente perseguidos pelos imperadores gregos, emigraram para Europa para lá se misturarem com os valdenses de Piemonte (dos Alpes). Em certos casos ganhavam seu nome do país ou da cidade

em que se encontravam em grande número, como no caso de lombardistas, toulousianos, e albigenses. Diz Jones novamente: “todas essas ramificações, todavia, surgiram do mesmo tronco comum, e foram animados pelos mesmos princípios morais e espirituais”.

Citando Robson, que realizou importantes pesquisas históricas sobre esse povo, Jones afirma o seguinte a respeito do nome valdense (História, página 2): “Da palavra latina “vallis” deriva-se a palavra em inglês, “valley”, em espanhol e francês, “valles”, em português, “vales”, em italiano, “valdesi”, em holandês, “valleye”, em Provençal “vaux, vaudois, valdenses, ualdenses, e waldenses”. A palavra simplesmente significa “vales, habitantes dos vales” e nada mais! Diz Robson: “Aconteceu que os habitantes dos vales do Pirineus não confessavam a fé católica, nem os habitantes dos vales dos Alpes, e aconteceu ademais, que no século nono, um tal Valdo, amigo e conselheiro de Berengário, homem de eminência, o qual tinha muitos adeptos, não aprovava da disciplina e da doutrina papal; e aconteceu que 130 anos mais tarde, certo negociante rico da cidade de Leão, cujo nome era Valdus, ou Valdo, por aceitar as doutrinas dos habitantes dos vales mencionados acima, separou-se publicamente da religião católica romana, apoiando e sustentando financeiramente muitos dos pregadores dessas mesmas doutrinas, e se tornou o instrumento usado por Deus para a conversão de multidões de gente, todas essas pessoas e “seitas” eram chamadas de valdenses”. Torna-se historicamente claro que o próprio Valdo não era o fundador dos valdenses, senão um produto deles, e um grande pregador entre eles, pelo qual a causa dos valdense foi simplesmente divulgada e reforçada.

Fica fora da dúvida que os valdenses descendem das igrejas apostólicas do primeiro século da nossa era. Eles mesmos assim afirmam no documento mencionado acima chamado “A lição nobre”, datado de 1.100 D.C. Nesse documento, os valdenses dizem que as igrejas de Jesus Cristo permaneciam relativamente humildes e puras desde a época da sua fundação apostólica até os tempos de Silvestre, bispo romano da época de Constantino. Eles consideram Silvestre como sendo o primeiro dos “papas”, e afirmam que na hora em que Constantino adotou o “cristianismo” como religião oficial do império, e concedeu a Silvestre e os pastores católicos honras mundanas, houve uma grande separação entre as igrejas verdadeiras e as corruptas. Diz o documento: “Nós cremos que nem todas as igrejas de Cristo se desviaram, e sim, que uma porção delas cedeu, e a maioria foi levada para o lado do erro; mas outra parte ficou fiel à verdade recebida (dos apóstolos) por muito tempo”. Foi através da crença deles que Pedro Valdo foi erguido por Deus para simplesmente reavivar e reanimar as verdadeiras igrejas de Jesus Cristo (Citado de “Baptist History”, Volume I, páginas 72-73, por John T Christia).

Reinério Sacchoni foi um padre da ordem dominicana, cerca do ano 1.260 D.C. Ele afirma que tinha andado no meio dos valdenses durante 17 anos, e que deles tinha se separado. Foi indicado pelo papa para ser inquisidor desses “hereges”. Acerca da origem e Antigüidade dos valdenses ele diz o seguinte: “Entre todas as seitas, não existe nenhuma tão perniciosas como a dos valdenses, por três razões: em primeiro lugar, por ser a mais antiga, pois algumas pessoas afirmam que essa seita remonta à época do papa Silvestre (325 D.C.), outros que ela remonte aos tempos dos apóstolos. Em segundo lugar, por ser a mais espalhadas das seitas. Não existe país onde não se encontre os valdenses. Em terceiro lugar, porque, embora as outras seitas causam horror para os que as ouvem, os leonistas (um dos apelidos dos valdenses), pelo contrário, causam admiração pela grande aparência externa da piedade. Realmente eles levam vidas acima da repreensão diante dos homens, e quanto a sua fé, e aos artigos do seu credo (da sua crença), são ortodoxos (genuínos). Sua única falha é que eles blasfemam contra o clero (os padres, os monges, os bispos, as freiras etc.). E contra a igreja (romana), e isso facilmente leva o povo geral a apoiar os seus erros (devido à vida errada e imoral do clero)”. Eis o testemunho de um católico que os conhecia através do contato pessoal. E todos os seus perseguidores assim afirmam com relação a sua antigüidade e quanto ao seu testemunho irrepreensível de vida.

Os valdense que traduziram a primeira Bíblia na língua francesa, também afirmam a sua antigüidade. Na introdução eles dizem que os valdenses sempre haviam gozado a verdade celestial encontrada nas Escrituras Sagradas, desde os tempos em que a mesma lhes foi transmitida pelos apóstolos, tendo preservado manuscritos corretos da Bíblia inteira na sua língua nativa, de geração a geração! (Orchard, página 257). Orchard também acrescenta, na página 256, que Cláudio Seyssel, arcebispo católico da mesma época, diz que um certo Leão foi acusado de ter dado origem aos valdenses dos vales, nos dias de Constantino o grande. Quando, depois disso,, os editos já mencionados, de Honório, saíram condenando os rebatizadores (413 D.C.), os mesmos aumentaram ainda mais o número de anabatistas refugiados nos vales do Pismonte. No sexto e no sétimo séculos D.C. houve outras fugas para lá de crentes

que não suportavam os erros e a perseguição do papado; os valdenses se achavam, portanto, já em grande número naquelas regiões bem antes dos tempos de Pedro Valdo

Quanto à questão da antiguidade dos valdenses, e da sua com os batistas atuais, o testemunho dos eruditos holandeses Ypeig Durmont, de 1.819 D.C., historiadores oficiais da sua igreja, a Igreja Reformada da Holanda, no primeiro volume de sua conceituada história, na página 48, sendo fonte unsuspeita, tende a confirmar as reivindicações batistas com respeito a sua origem apostólica: “Temos visto até aqui, que os batistas, os quais foram antigamente chamados de anabatistas, e em tempos posteriores menonitas, originaram-se dos antigos valdenses, e durante a grande parte da história eclesiástica vêm recebendo a honra dessa origem. Por esse motivo, os batistas podem ser considerados a única comodidade cristã que existe desde a época dos apóstolos, e como sociedade cristã, tem conservado pura a doutrina do evangelho através de todos os séculos!”

I. PEDRO VALDO E OS VALDENSES

Pedro Valdo era um negociante rico da cidade de Leão, França, cerca do ano de 1.160 D.C. Ele tinha dúvida sobre certas doutrinas católicas enquanto ainda não convertido. Certo dia aconteceu algo na sua vida particular que o despertou e o deixou abalado. Certa noite, jantando com amigos, viu cair ao chão repentinamente um deles, morto de enfarte. Ao refletir sobre a incerteza da vida, examinou as Escrituras e se converteu. Querendo que outros também conhecessem o caminho da salvação, ele, sendo homem de certo grau de conhecimento lingüísticos, e com auxílio de outros entendidos, fez traduzir a Bíblia do latim para o vernáculo do povo, ele mesmo começou a pregar e a ensinar suas doutrinas, atraindo assim uma multidão de gente. Ele vendeu uma porção dos seus bens, distribuindo suas riquezas em seguida entre os pobres necessitados. Não se sabe como ele entrou em contato com os valdenses, mas sabemos que depois de ser expulso da cidade de Leão pelo próprio arcebispo local, ele se torna um dos “barbes” ou pastores valdenses que mais ajudou sua causa na época. Sem a menor dúvida, deles ele ganhou seu apelido de “Valdo”. Ele espalhou a verdade em Dauphine e de lá seguiu para Picarti (regiões da antiga França), de lá para Alemanha e finalmente para a Boêmia. Em todos esses lugares ele foi cruelmente perseguido, juntamente com seus “adeptos”, mas muitas igrejas valdenses foram organizadas e muitas almas convertidas. Nessa época os valdenses se espalharam por toda parte, inclusive pela Bulgária, Croácia, Dalmácia, Hungria e França. Só na Boêmia havia 80.000 deles no ano de 1.315 D.C. Eles foram cruelmente martirizados, torturados, mortos, banidos, perseguidos por todos os meios. Apesar disso, no ano de 1.260 D.C., havia em toda a Europa, no mínimo um total de 800.000 valdenses! (Esses fatos extraídos da História de Jones, páginas 12-13. Os cálculos do historiador Perrin, citados por Orchard, página 274).

Convém a essa altura citar as palavras do conceituado historiador Mosheim, da igreja luterana, o qual escreveu sua “História Eclesiástica” no século 18. No volume II, página 127, ele afirma o seguinte: “A verdadeira origem daquela seita que ganhou o nome ‘anabatista’ pelo seu costume de dar novo batismo para aqueles que passam para suas fileiras, oriundas de outras denominações... está escondida nas profundezas da antiguidade e portanto, é difícil de averiguar... Os menonitas atuais (apelido para alguns dos anabatistas da época da reforma) se consideram os descendentes dos antigos valdenses, os quais foram terrivelmente oprimidos pelos líderes despóticos da igreja católica e dizem ser os descendentes mais puros dos mesmos... Os menonitas (os anabatistas) não estão totalmente errados ao afirmarem terem descendidos dos valdenses, dos petrobrussianos, e de outras ‘seitas’ antigas, as quais são consideradas geralmente as testemunhas da verdade durante os tempos de obscuridade e superstição geral. Antes do tempo de Lutero e Calvino, haviam ocultos em quase todos os países da Europa, especialmente na Boêmia, Moravia, Suíça e Alemanha, muitas pessoas que aderiam tenazmente à seguinte doutrina, a qual os valdenses, os viclifitas, e os hussitas haviam defendido, alguns de uma maneira mais oculta, outros mais aberta e publicamente, “que o reino de Cristo, ou seja, a igreja visível que Cristo fundou na terra, é uma assembléia de verdadeiros e reais santos, e deverá permanecer por esse motivo fora do alcance dos homens perversos e injustos, e também isenta de todas aquelas instituições que a sabedoria humana nunca poderá sugerir para resistir ao progresso da iniquidade, ou para corrigir e reformar os transgressores”. Trata-se de uma concessão bastante interessante da pena de uma pessoa antagônica à causa batista, o historiador luterano Mosheim. Assim fica fora da dúvida a sucessão batista a partir dos valdenses até os nossos dias, e isso tende a confirmar a existência dos batistas desde os dias dos apóstolos pela linhagem já estudada.

A seguinte citação do historiador do século passado, David Benedict, na História dos Batistas, obra essa agora raríssima, confirma essa linhagem. Na página 47 da sua obra (a qual consiste em quase 1.000 páginas), ele diz em anotação ao pé da página: “ O sr. Orchard se deu ao trabalho de agrupar, debaixo de um cabeçalho só, os nomes das várias ‘seitas’ de batistas, e anota as datas da origem ou ascendência dos batistas visados na afirmaração de Mosheim acima, na qual ele abrange 1.200 anos de história, desde os picardos e valdenses do ano 1.450 D.C. de volta aos novacianos de 250 D.C. Segue a relação, segundo nome, data, e autoridade histórica dessa linhagem batista:

<u>NOME DA 'SEITA'</u>	<u>DATA</u>	<u>AUTORIDADE HISTÓRICA</u>
Valdenses e Picardos	1.450 D.C.	Wall
Hussitas	1.420	Crosby e Ivey
Valdo e seus colegas	1.178	Jones
Valdenses e Albigenses	1.150	Collier
Arnoldistas	1.140	Bellarmino
Henricianos	1.135	Wall
Petrobrussianos	1.110	Wall
Berengarianos	1.049	Mezeray
Gundulfianos	1.025	Jortin
Paterinos	945	Jones
Vaudois da França e da Espanha	714	Robison
Paulicianos	653	Gibbon, Allix
Donatistas	311	Mosheim
Novacianos	250	Enciclopédia Britânica

Convém notar que somente dois dos historiadores acima mencionados são batistas.

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) Por que razão os católicos queriam difamar os valdenses através dos apelidos pejorativos?
- 2) Segundo o historiador Jones, como se pode saber que os albigenses e os valdenses eram o mesmo povo, e não “seitas” adversárias uma da outra?
- 3) Como prova o mesmo que os valdenses existem antes dos tempos de Pedro Valdo?
- 4) Um dos apelidos que os valdenses não aceitavam era o de _____ (uma seita que ensinava o “dualismo”).
- 5) Cite as palavras do papa Gregório IX a respeito da identidade de todas as “seitas” batistas que recebiam diversos apelidos
- 6) Explique como os diversos apelidos mencionados por Jones vieram a ser aplicados aos valdenses.
- 7) Qual é a verdadeira origem do nome “vaudois” e “valdenses” e qual seu sentido verdadeiro?
- 8) No documento, chamado “A lição Nobre”, como explicam os próprios valdenses a sua origem?
- 9) Pedro Valdo era **fundador** ou **produto** dos valdenses?
- 10) Mencione as três razões (resumindo-as) que o inquisidor Reinério Sacchoni cita para provar o perigo (para a igreja católica) dos valdenses.
- 11) O que os valdenses afirmam, a respeito da sua antiguidade, na introdução da sua Bíblia em francês?
- 12) O que afirma Cláudio Seyssel a respeito da origem dos valdenses?
- 13) O que afirmam Ypeig e Durmont a respeito da ligação dos batistas aos valdenses?
- 14) Como foi a conversão de Pedro Valdo?
- 15) Quantos valdenses (batistas) havia na Europa no ano 1.250 D.C?
- 16) Dê o testemunho (resumindo) do luterano Mosheim a respeito da ligação dos batistas (anabatistas) e os valdenses.

OS VALDESSES (do ano 1.100 ao ano 1.500 D.C) Continuação

Como os valdenses ficaram “dispersos”, espalhados pelos trabalhos missionários dos seus próprios obreiros, bem como pelas perseguições, sofridas das mãos da Igreja Católica, ficaram conhecidos por vários nomes, segundo local e o nome dos seus pastores mais bem conhecidos, assim como pelas características da sua vida santa e exemplar. Vamos examinar nesta lição alguns grupos dos valdenses, para verificarmos que não se tratavam de “seitas” de doutrinas diversas, e sim, de grupos de batistas, verdadeiros sucessores das igrejas apostólicas.

A. OS CÁTAROS. Esse nome significa simplesmente “puritanos” ou, os puros, apelido esse atribuído “a sua santa maneira de viver. Aqui cito autoridades da história eclesiástica, principalmente o testemunho de William Jones, “The History of The Christian Church” de 1.824, volume I, páginas 438ss.:

“Um pouco antes do ano 1.140 D.C., Ervino de Steinfield, da diocese da Colonha, da Alemanha, dirigiu uma carta para o celebrado ‘São Bernardo’, a respeito de certos hereges das suas vizinhanças (do Ervino). Essa carta foi preservada por Mabillon, e o Dr. Allix na sua renomada obra, ‘Observações Sobre as Antigas Igrejas de Piemont’ a traduziu... Ervino estava muito perplexo (sobre esses ‘cátaros’, o apelido local desses ‘hereges’), e queria solucionar suas dúvidas consultando o renomado Bernardo, cuja palavra era lei na Igreja Católica da época”. Ervino fala na carta sobre um “debate” realizado entre um pastor dos cátaros e os bispos de colonha, no qual o pastor batista cita largamente as Escrituras, confundindo os bispos com seus argumentos bíblicos. Segundo Ervino, os batistas foram apanhados violentamente pelo povo e levados para serem queimados vivos em praça pública. Diz Ervino: “O que nos deixa mais perplexo é que eles sofreram, não somente com paciência, mas mesmo com **alegria**. Se eu estivesse pessoalmente contigo, ó santo padre, gostaria de lhe perguntar de que maneira será possível esses membros de Satanás persistir na sua história com tanta constância e coragem como não se acham nem entre os mais religiosos (católicos) na fé de Cristo!”

Ervino prossegue na carta sobre os cátaros batistas: “A heresia deles consiste no seguinte: Eles dizem que a **Igreja verdadeira só se encontra na pobreza entre eles mesmos**”, e depois eles descreve sua maneira de imitar os apóstolos na pobreza e na pureza de vida, enquanto os sacerdotes católicos viviam no pecado e na opulência material; ele afirma ainda: “Eles não aceitam o **batismo infantil**, alegando o lugar das Escrituras (Marcos 16:15-16) que diz: ‘Aquele que crer e for batizado será salvo’. Eles não crêm na intercessão dos santos; e tudo quanto a igreja (católica) observa que não foi ensinado e estabelecido por Cristo e seus apóstolos (na Bíblia) eles o chama de superstição! Eles não admitem a doutrina do fogo do purgatório depois da morte; pelo contrário, ensinam que as almas, tão logo saídas dos seus respectivos corpos, entram diretamente ou no descanso (do paraíso) ou no castigo (do inferno), e isso eles provam pelas palavras de Salomão (Eclesiastes 11:3b) ‘e caindo a árvore para o sul, ou para o norte, no lugar em que a árvore cair ali ficará; pelo qual eles entendem que são inúteis todas as orações e oblações dos fiéis em intenção das almas dos falecidos... Devo comunicar-lhe também que aqueles que já voltaram para as fileiras dos fiéis da nossa igreja (católica) nos dizem que há grande número de pessoas da sua persuasão espalhado em toda parte (da Europa), e que entre eles se encontra muitos padres e monges do nosso clero. Aqueles que foram queimados nos disseram que essa heresia (a doutrina dos cátaros batistas) ficou oculta desde os tempos dos mártires (os que morreram pela fé durante os 300 primeiros anos da nossa era), e que essa doutrina existiu na Grécia e em outros países”. Até aqui, o testemunho de Ervino, citado por Jones.

Jones, na sua obra histórica, também cita as palavras de um monge conhecido da mesma época, um tal de Egberto, o qual em um sermão denuncia violentamente os cátaros. Ele alega ter aprendido os sentimentos doutrinários dos mesmos através de testemunhos daqueles que, por meio de torturas aplicadas pelos católicos confessaram-se “hereges” e voltaram para o seio da Igreja Católica. Egberto diz (Jones, páginas 442ss.): “Eles são comumente chamados de ‘cátaros’ (puritanos), um povo bastante perigoso para a fé católica, a qual, como a descreve, eles corrompem e destroem”. Egberto afirma que eles negavam a utilidade do batismo para os infantes (bebês), o qual não adianta nada para a sua salvação, devido a sua incapacidade de crer, eles insistem em que o batismo deve ser adiado até as pessoas chegarem aos anos da maturidade (mental e espiritual), e mesmo então só deverão batizar-se aqueles que fizerem profissão pessoal de fé, os quais deverão pedir o batismo voluntariamente. Egberto ainda afirma! “Eles têm grandes multidões de adeptos em todos os países, resultando em grande perigo para a igreja (católica)... Os daqui, da Alemanha, chamamos de cátaros, em Flanders se chamam de pifles; na França de Tisserandos, da arte de tecer, porque muitos deles são tecelões de profissão”.

O mesmo Egberto diz que os batistas (cátaros) não aceitavam a doutrina do purgatório; zombavam das missas rezadas pelos defuntos, e dos sinos nas igrejas, e “quanto às missas em geral”, diz ele, “as desprezavam completamente, afirmando que...não existe sacerdócio verdadeiro dentro das igrejas católicas (a romana e a grega), e que os legítimos sacerdotes só existem dentro das suas igrejas (dos batistas)”. (Provavelmente Egberto entendesse os pastores cátaros pelo nome “sacerdote”).

B. OS PATERINOS. É outro nome dado pelos inimigos para os cátaros e os valdenses. Jones afirma na segunda obra, “Conferências Sobre a História Eclesiástica”, página 253 (volume II), “vem da palavra latina ‘pati’, a qual significa ‘sofrer’, e portanto, tem quase o mesmo sentido que tem a nossa palavra moderna de ‘mártir’.

Orchard (página 142) da sua História Batista), diz que mesmo depois que um bom número de novacianos saíram da Itália por causa das perseguições, ficaram lá ainda muitos deles, e sabemos disso pelas queixas dos padres e monges italianos, de modo que encontramos, a partir do ano 575 D.C., a sucessão de igrejas batistas na existência dos hereges que seriam mais tarde chamados de paterinos. Bonizo, bispo de Sutrio, diz que havia grande surto de paterinos durante o pontificado de Estevão II (750 D.C.). Orchard cita Roberto Robison (“Ecclesiastical Researches”, páginas 211ss.) como dizendo o seguinte a respeito dos paterinos: “Seu culto público mais consistia na leitura e na exposição das Escrituras, na oração pública, no batismo, (realizado uma só vez para os convertidos), e na ceia do Senhor celebrada tão freqüentemente quando fosse conveniente. Diziam que uma igreja cristã devia consistir somente em gente de vida santa, que a igreja não tinha direito de criar leis e impor estatutos religiosos fora das Escrituras, deixando a entender assim que o Novo Testamento fornece orientação completa; que não devia jurar; que não era lícito matar os homens (por motivos religiosos), que um homem não devia ser entregue para as autoridades civis para ser convertido à força; que a igreja não devia perseguir a quem quer que fosse, nem mesmo os ímpios; que a lei de Moisés não serve como regra de fé e prática para os crentes; que não havia necessidade de sacerdotes, especialmente dos maus; que os sacramentos, as ordens, e as cerimônias da Igreja de Roma eram todos inúteis, caros, opressivos e perversos”.

Robinson, ainda citado por Orchard, também diz que os católicos daqueles tempos batizavam por imersão, de modo que os paterinos não tinham problema com os católicos quanto ao modo do batismo, pois também batizavam exclusivamente por imersão, mas quando examinados pelos inquisidores católicos, os paterinos confessavam contra o batismo infantil, e condenavam essa doutrina católica como um erro muito grande

Nas páginas 455ss. De Jones (“History”), ele continua citando o testemunho de Robinson, o qual, por sua vez cita Dr. Allix (Igrejas Piemont): “Aqui, então encontramos um grupo de Crente na Itália, antes do ano 1.026 D.C., quinhentos anos antes da Grande Reforma de Martinho Lutero, cuja doutrina contraria às opiniões da igreja de Roma, e que condenavam redondamente os seus erros”. Robinson afirma que Atto, bispo de Verceulli, tinha se queixado dos paterinos fazia 80 anos atrás, e ainda antes daquele tempo, outros mais haviam se queixado da existência deles, e que existem motivos muito bem justificados para se crer que eles (os paterinos) tinham existido na Itália.

Ele ainda afirma que havia igrejas em Milã e Modena. Tinham casas de culto em Ferrar, Bréscia, Viterbe, Vicenza, e várias em Rimini, Romandiola e em mais outras cidades. Reinério diz, no ano 1.259 D.C., que a igreja paterina de Alba tinha mais de 500 membros; a de concorezzo mais de 1.500 membros; e a de Bagnolo mais de 200. As casas onde se reuniam eram alugadas para essa finalidade (já que não lhes era permitido construir tempos próprios), nas quais morava alguma família paterina, servindo de zeladores. Havia sempre várias casas em cada cidade, distinguidas por algum sinal conhecido somente por eles. Os paterinos tinham pastores e “anciãos” ou líderes respeitados, ensinadores da Bíblia, diáconos, e mensageiros (irmãos enviados para acudir os perseguidos ou necessitados). Em épocas de perseguição, eles se reuniam em grupos de 8, 20, ou 30, evitando assim a denúncia por seus inimigos. Quanto ao seu comportamento, era exemplar. Não freqüentavam lugares de bebidas alcoólicas, nem certas diversões públicas. Eles se vestiam e se comportavam decentemente. Não usava de mentira, nem dos palavrões, e empregavam seu tempo em serviço para ganhar o pão (geralmente alguma profissão manual), e seus momentos de lazer eram empregados nos ensinamentos e aprendizado das Escrituras ou qualquer outra atividade útil. Cerca do ano 1.040 D.C., os paterinos se tornam bastante numerosos na cidade de Milã, e lá floresceram durante pelo menos 200 anos. Durante essa época, o governo milanês não os perturbava, mas o clero católico os combatia através de sermões, rezas e livros. Cerca do ano 1.176 D.C., o arcebispo de Milã, homem já velho e enfermo, quando estava pregando contra os paterinos com bastante veemência, foi acometido de acesso no púlpito, e caindo ao chão, depois de receber a extrema unção

morreu! Os paterinos eram muito zelosos quanto à disciplina da igreja. Serve também como comprovação de que eram batista no seu regime de governo interno da igreja, o fato registrado da igreja dos paterinos da cidade Cremona, a qual no ano de 1.243 D.C. excluíram seu pastor por ele caído no pecado de adultério! Evidentemente eram batista, pois uma igreja local católica não tem esse direito de receber e excluir membros, muito menos quando se trata do próprio vigário! Esse fato histórico é mencionado por Matthew Paris na sua obra citada por Jones na página 373 das suas “Conferências”.

Orchard (página 144) diz que um dos pastores famoso dos paterinos era um certo **gundulfo**, que aparece no ano 1.020 D.C., do qual eram chamados de “gundulfanos”. Alguns dos seus discípulos, segundo Allix, diziam: “Os católicos nos acusam de sermos contrários ao batismo; erram nisso, pois é o sacramento que negamos. Se eles dizem que algum sacramento se encontra no batismo, a força disso é desfeita por três razões: primeiramente, porque a vida errada dos seus ministros não pode transmitir a salvação a ninguém; em segundo lugar, porque os pecados renunciados na fonte batismal pelos batizando são depois retomados; e em terceiro lugar, porque a vontade alheia, a fé estranha, e a confissão estranha, não pertencem ao pequenino, o qual “nem pode querer, nem correr”, e que permanece ignorante do seu próprio bem e da sua própria salvação, e em quem não pode haver desejo de regeneração, e de quem não se pode esperar uma confissão de fé!”

Outro grande pregador deles, foi o **Berengário** do qual os valdense ganharam o apelido de berengeus, ou berengarianos), o qual aparece na França no ano 1.035 D.C. Suas doutrinas foram espalhadas através da França, Itália, Alemanha, e mais outros países. Segundo Orchard, página 179, Deodwin, bispo católico de Leige, diz que “há uma notícia que saiu da França e passou pela Alemanha, no sentido de que um tal de **Bruno**, bispo de Angiers, e Berengário, arcebispo da mesma, afirmam que a hóstia não é realmente o corpo de Cristo, os quais se esforçam o mais possível para derrubar o batismo das criancinhas”. O Berengário, no seu zelo contra a igreja romana, chegou a dizer que a igreja católica é “a igreja dos malignos, o concílio da vaidade, e o trono de Satanás!” Suas pregações fizeram grande impacto que resultou na conversão de multidões para a fé dos paterinos (valdenses) batistas.

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) O apelido “cátaro” significa _____.
- 2) Qual foi a dúvida do bispo Evervino, revelada na sua carta dirigida ao “São Bernardo?”
- 3) Segundo testemunho de Evervino, o que criam os “cátaros” (batistas) a respeito da igreja, do batismo infantil, do purgatório, e da intercessão dos “santos?”
- 4) O que Egberto afirma quanto à doutrina do batismo segundo os cátaros?
- 5) O que ele afirma com respeito à atitude dos cátaros para com as missas e o sacerdócio?
- 6) Orchard afirma que os paterinos descendiam dos antigos _____.
- 7) Os católicos da época dos paterinos também batizavam por _____.
- 8) Verdadeiro ou falso: Segundo a apostila, o historiador Robinson acreditava que os paterinos sempre existiam na Itália, desde os tempos dos apóstolos.
- 9) Mencione algumas das cidades onde se conhece haver existido igrejas paterinas.
- 10) As igrejas dos paterinos eram numerosas ou poucas? Tinham muitos ou poucos membros?
- 11) O que nos ensina o caso da igreja dos paterinos de Cremona que excluiu o seu próprio pastor pelo pecado de adultério?
- 12) Como foi o argumento contra o batismo infantil empregado pelos “gundulfanos?”
- 13) Quais as doutrinas de Berengário e do seu colega Bruno que scandalizaram o Deodwin, bispo de Leige?

OS VALDENSES (do ano 1.100 ao ano 1.500 D.C.) [continuação]

INTRODUÇÃO: Na última lição estudamos os crentes batistas desse período sob vários nomes, um dos quais era o de “paterinos”. Eram conhecidos por esse apelido principalmente na Itália. Os papas, um após outro, reuniam concílios de bispos e cardeais a fim de decretar suas bulas de extermínio e perseguição contra eles, nas quais procuravam obrigá-los a aceitar o batismo infantil. Dois papas principalmente saíram com editos contra os paterinos: o papa Inocêncio III (1.215 D.C.), e o papa Honório III (1.220 D.C.), e pediram ao Frederico II que fizessem valer esses editos no sul da

França e em toda a Itália. Muitos dos paterinos foram obrigados a fugir, e Mosheim cita a obra, “Reforma na Itália”, de M’Crie (páginas 4ss) que diz que se espalharam em verdadeira inundação por todas as províncias da Europa, e que a Alemanha especialmente recebeu grande número deles, onde passaram a ser chamados de “gazari” no lugar de “cátaros” (puritanos). Essa autoridade da história eclesiástica diz que certo IVO de Narbonne foi chamado pelo inquisidor (católico) de “heresia” para dar conta das suas crenças. Ele fugiu para a Itália. Na cidade de Como conheceu os paterinos, e abraçou suas doutrinas por algum tempo. Os crentes paterinos lhes informaram, depois que ele se tornou membro da sua igreja (pelo batismo), de que existiam igrejas em todas as cidades de Lombardi, e que os seus membros muitos dos quais eram negociantes, procuravam nas feiras e nos mercados, ensinar suas crenças aos leigos ricos com os quais negociavam, e aos proprietários em cujas casas eram acolhidos. Quando Ivo deixou a cidade de Como, recebeu dos irmãos cartas de recomendação aos paterinos na cidade de Milã, e dessa maneira passou por toda as cidades que se achavam ao longo do Rio Po, Cremona, e os estados venezianas, sendo generosamente hospedado pelos paterinos, os quais o recebiam como irmão, quando lhes mostrava suas cartas e dava os sinais conhecidos por todos quantos pertenciam às suas igrejas. (Esses fatos históricos extraídos de Orchard, História, páginas 155-156). Isto nos dá uma idéia da vida diária dos nossos irmãos batistas da época.

Outro fato histórico bastante interessante se deu com respeito a um dos pastores paterinos. Panzilupe, um irmão destacado como líder entre os paterinos, foi ouvido a dizer mais do que 100 vezes, que “os ministros da igreja católica são homens perversos, enganadores da humanidade, lobos vorazes, os quais gostam de perseguir homens de bem. Eles querem me levar a crer que o vinho da missa seja o próprio e verdadeiro sangue de Cristo, mas faz pouco tempo eu pessoalmente vi o sacerdote de São Julian ficar bêbado desse vinho junto ao altar da igreja”. Mas por causa da sua piedade e vida consagrada e santa, quando Panzilupe morreu, no ano 1.269 D.C., em broa membro da igreja dos paterinos da cidade de Bagnolo, e um dos pastores, foi sepultado dentro da catedral católica. O povo, ciente de sua bela vida, se aglomerava ao seu túmulo para fazer uma espécie de adoração, e o bispo Alberto, entrou com processo para a canonização dele como santo da igreja católica! Alegava-se que até milagres se realizavam junto ao seu túmulo! Foi assim venerado durante 24 anos, mas alguns monges invejosos conseguiram convencer os oficiais da igreja que ele tinha morrido como um herege paterino incorrigível! Portanto, seus ossos foram devidamente desenterrados e queimados!

Citamos mais o testemunho de Orchard (página 188): “Do zelo e dos esforços de Gundulfo e Arnaldo na Itália, do Berengário, Pedro de Bruis, e Henrique na França, os adeptos e discípulos desses ‘reformadores’ se tornavam tão números que os católicos ficaram receiosos, muito antes que Valdo, de Leão, aparecesse pregando. Nos diversos países eram conhecidos por vários nomes, e é sabido que nesse tempo havia 800.000 confessando essa fé”. Em uma nota ao pé da página 189, Orchard acrescenta: “Se esse cálculo de 800.000 estiver certo, e para cada um deles admitir-se 3 aderentes (simpatizantes), haverá 3.200.000 pessoas confessando a fé dos valdenses nessa época... Já que não há provas de que os costume do pedobatista (batismo infantil) era praticado fora das igrejas católicas romana e grega, esse número deve se considerado como sendo composto de pessoas da classe berengariana, isto é, daquelas que criam somente no batismo de crentes confessos!”

IV. OS PETROBRUSSIANOS E OS HENRICIANOS

Antes do Valdo, aparece Pedro de Bruis, no ano 1.110, no sul da França, das províncias de Languedoc e Proença. Ele se torna valdense, sendo nativo daqueles vales das montanhas Alpes, dos quais os valdenses ganharam seu apelido. Ele era padre da cidade de Toulouse, mas depois que se converteu e se uniu aos Albigenses, ele se tornou um dos seus pregadores principais, (orchard, página 181)

Armigate (History of the Baptists, páginas 284ss.) afirma: “Nos petrobrussianos encontramos um grupo de batistas sobre os quais não existe nenhuma dúvida quanto a sua doutrina. Pedro de Bruis se agarrou ‘a doutrina integral do batismo ensinada na Bíblia, e insistia na prática da mesma ao rejeitar a imersão de criancinhas e ao praticar a imersão só dos crentes em Cristo... Ele jogou fora a tradição Católica e aceitava a interpretação literal da Bíblia. Rejeitou a doutrina católica da transubstanciação, afirmando a ceia ser um ato memorial e simbólico. Ele pregava que a igreja deve ser feita só de pessoas nascidas de novo; considerava os bispos e os sacerdotes simples fraudes; recusava-se a adorar as imagens, rezar pelos mortos ou para os mortos, e rejeitava a penitência. Riu-se da estupidez que ensina que

uma criancinha nasce de novo quando batizada pelo vigário, e que ela pode fazer parte do rebanho de Cristo enquanto nem conhece pessoalmente a Cristo como seu Sumo Pastor! Exigia que todos quantos vinham fazer parte da igreja aceitava ser imerso, depois da confissão da sua fé pessoal. Ele não tinha controvérsia com os padres quanto à questão da imersão como modo bíblico do batismo, pois a igreja católica ainda a praticava... Sua grande ofensa (aos da igreja Roma) foi a de **rebatizar** por imersão todos quantos tinham sido imersos quando bebês, e só os batizava depois que eles davam provas da regeneração pelo Espírito de Deus, e se tornavam verdadeiros discípulos de Cristo.

Pedro de Clugney se queixa deles como ensinando o seguinte: “É inútil mergulhar na água o candidato (como sacramento), não importa com que idade que o candidato tenha, sendo possível somente lavar o corpo, mas não sendo possível, através dessa imersão, purificar a alma dos pecados”. Esse venerável líder da igreja católica da época ainda diz que os petrobrussianos diziam assim do batismo: Nós aguardamos a idade em que as pessoas são capazes de pessoalmente crerem, e depois disso, nós não as **rebatizamos**, como vós costumais dizer através das vossas calúnias, e sim, damos o batismo **único e verdadeiro**; pois ninguém deve ser considerado como **batizado**, sem haver sido batizado dessa maneira”. (Citado por Armitage, página 285).

O documento chamado “O que é Anticristo?”, publicado no ano 1.120, foi escrito, ou pelo próprio Pedro de Bruis, ou por algum petrobrussiano valdense (batista). Nele, afirma-se o seguinte ao batismo: “A terceira obra do anticristo consiste nisso, que ele (o anticristo, identificado como o papa), atribui a regeneração do Espírito Santo aos simples rito externo do batismo, batizando os bebês nessa fé, ensinando que através disso, obtém-se o batismo e a regeneração... Isto é contrário ao parecer do Espírito Santo”. (Orchard, páginas 183-184).

Pedro de Bruis foi tão bem sucedido nas suas pregações, que as multidões saíam para ouvi-lo, e nas dioceses de Arles, Embrun, Die e Cap, havia tanto entusiasmo pelos ensinamentos dele que o povo chegou a queimar suas imagens e seus crucifixos, e em alguns lugares, chegou a destruir igrejas católicas. Certa sexta-feira da Paixão, as multidões levaram e um monte de crucifixos de madeira e deles fizeram uma grande fogueira, na qual assaram carne e a comeram. Queixa-se ainda Pedro de Clugney: “O povo está sendo **rebatizado**, as igrejas profanadas, os altares derrubados, os crucifixo queimados, mesmo no dia da paixão do nosso Senhor...” Em outro escrito, ele afirma que Pedro de Bruis deixava de batizar as criancinhas porque tinha preguiça de batizá-las; que ele queimava crucifixos por achar mais fácil queimá-los do que adorá-los; e que rejeitava as missas porque não lhe pagavam o suficiente para rezá-las! (Armitage, páginas 286-287).

Armitage ainda diz que os petrobrussianos aboliam todos os jejuns religiosos (católicos) e penitências pelo pecado, pois afirmavam que somente Cristo pode perdoar os pecados, e Ele o faz no instante em que o pecador se volta a Ele com fé; que eles consideravam o casamento sagrado e válido até para os padres; negavam que a pessoa de Cristo realmente se encontrava na hóstia do altar; negavam que o trono do papa fosse o de São Pedro; negavam que um bispo (católico) podia consagrar outro; condenavam os sacramentos, e exigiam que o batismo fosse dado somente aos crentes. Para os petrobrussianos, a igreja seria não o edifício, e sim, uma congregação de gente convertida e batizada.

Pedro de Bruis foi perseguido e expulso de vários lugares, mas continuou ativo no seu ministério durante 20 anos, sendo por fim preso em São Giles e levado por uma turba violenta e queimado à estaca. Sucedeu-o na liderança um jovem pregador, um discípulo seu, **Henrique** da cidade de Toulouse. Ele tinha subido a uma posição no clero da igreja católica como um monge, mas tudo renunciou e aderiu ao Pedro de Bruis e aos ensinamentos. Pedro de Clugney, o grande abade, disse a seu respeito: “Henrique é um apóstata da fé havendo, havendo voltado para o vômito do mundo e da carne, e é um monge negro e condenado”. Henrique era homem erudito, letrado, mas rejeitava os escritos dos ditos “padres da igreja” (Santo Agostinho, et al.), e se dedicava exclusivamente aos ensinamentos das Escrituras. Era pregador eloquente, de voz de trovão, segundo dizem seus contemporâneos. Em muitos lugares, congregações católicas inteiras, juntamente com os padres, deixavam a igreja católica para se converterem a Cristo. O tal de “São Bernardo, ao visitar as paróquias da França, escreve o seguinte sobre o efeito das pregações dos pregadores valdenses: “Encontrei as igrejas sem gente; o povo sem sacerdote; os padres sem o devido respeito do povo; a missa e os outros sacramentos desprezados; e os dias de jejum não observados pelo povo”. Ele ainda diz, “Está fechado o caminho para o céu para os filhinhos dos cristãos; a eles a graça do batismo é negado; a eles estão impedidos de se chegarem ao paraíso! Apesar do Salvador lhes chamar, dizendo: Deixar vir a mim os meninos, o batismo deles está sendo proibido. Na sua raiva dos

“hereges”, os quais ensinavam o batismo só dos crentes, ele mandou que os **pais** de muitas dessas crianças fossem mortos... e até muitas das criancinhas também foram brutalmente mortas pelos soldados do papa nas suas cruzadas contra os valdenses e albigenses.

Orchard acrescenta (página 187) que Bernardo também diz: “Os albigenses ganharam seu apelido de henrecianos da pessoa de Henrique. Eles afirmam ser os verdadeiros sucessores dos apóstolos, e os fiéis conservadores e seguidores da doutrina deles. São pessoas simples, rudes nas suas maneiras, mas ainda assim, muitos padres, bispos, e príncipes leigos se dignam a mostrar simpatia e favores para eles!”

O arcebispo de Narbonne, também se queixa dos trabalhos de Henrique, numa carta enviada para Luis VII, rei da França: “Meu Senhor Rei, estamos apertados de vários lados por calamidades, entre as mesmas, o pior é que a fé católica está extremamente abalada aqui na minha diocese, tanto é que o barco de São Pedro está sendo violentamente jogado pelas ondas e está em iminente perigo de se afundar!” (Orchard, página 186).

O papa Eugênio III resolveu acabar com o ministério do Henrique e finalmente os bispos conseguiram prendê-lo e levá-lo diante do papa e seu famoso Concílio de Reims, sobre o qual presidiu o próprio papa. Lá Henrique foi julgado e condenado à prisão perpétua, e, assim abandonado, logo faleceu. Allix, porém, afirma que Henrique foi queimado em Toulouse, à semelhança de Pedro de Buis. (Armitage, páginas 290-291, e Orchard, página 187).

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) Ivo de Narbonne descobriu que os paterinos da Itália eram muito _____.
- 2) Certo paterino quase chegou a ser canonizado um santo da Igreja Católica, qual o nome dele?
- 3) O número dos valdenses da época de Pedro de Buis, junto com seus simpatizantes foi calculado _____, sem contar seus filhinhos.
- 4) A grande ofensa contra a fé católica, cometida por Pedro de Buis, foi o costume de _____ todos quantos fossem batizados bebês, depois que os mesmo dessem sua confissão de fé pessoa.
- 5) O entusiasmo dos ouvintes de Pedro de Buis os levou a _____.
- 6) **Falso ou verdadeiro:** Henrique de Toulouse era monge antes de se tornar um petrobrussiano. _____.
- 7) Qual foi o comentário de Bernardo sobre o efeito das pregações de Pedro e Henrique, nas paróquias da França?
- 8) Como foi que Bernardo desmentia sua suposta compaixão e seu interesse pela salvação das criancinhas?
- 9) O que é que o arcebispo de Narbonne disse a respeito do “barco de São Pedro”?
- 10) **Falso ou verdadeiro:** Tanto Pedro de Buis, como Henrique de Toulouse tiveram morte natural dentro das suas próprias casas. _____.

OS VALDENSES (do anos 1.100 ao ano D.C.) (continuação).

V. OS ALBIGENSES

Junto com o título de “valdenses”, o nome de albigenses se tornou conhecido e usado nas cruzadas contra os batistas da Europa desde o ano 1.100 até 1.400 D.C., quando os albigenses ficaram quase extintos ou dispersos do sul da França para toda a Europa. Eles ganharam o seu nome da cidade de Albi, uma cidade francesa, que ficava a 70 quilômetros de Toulouse. Devido a sua relativa independência, do domínio do papa, sob o governo dos “condes” de Toulouse, os albigenses se multiplicaram no sul da França ao ponto de dar aos papas muita preocupação, os quais declaram “a guerra de extermínio” contra os albigenses. No ano 1.208 d.C. saiu de Cesaréia o documento “A Crônica Bélgica”, no qual o autor, depois de citar o que ele chama de “os erros doutrinários dos albigenses”, afirma: “O erro dos albigenses prevaleceu de tal modo que eles chegaram a infestar mais de mil cidades; e se esse erro não fosse reprimido pela espada dos fiéis (católicos), eu acho que iria corromper toda a europa”. (Citado de Jones, “Conferências”, página 274).

Suas origens se traçam desde os novacianos e seus sucessores da Espanha, do outro lado dos pirineus, e dos paulicianos da Bulgária e da Itália. Muitos milhares dos batistas da Espanha emigraram para o sul da França devido às severas perseguições contra eles. O Dr. Allix, citado por Orchard (History, página 166), diz: “Desde a antiguidade, as

igrejas do norte da Espanha foram unidas com as do sul da França”. Diz Mosheim (History, citado por Orchard, página 195): “AS ‘seitas’ dos cátaros, valdenses, petrobrussianos, e outras mais (inclusive a dos albigenses) aumentaram em número de dia a dia e se espalharam imperceptivelmente por toda a Europa, e organizaram numerosas congregações (igrejas locais) na Itália, na França, na Espanha e na Alemanha. O número desses ‘dissidentes’ (com respeito à igreja católica), não foi maior em nenhuma parte do que em Narbona, da França, e nas províncias adjacentes, onde foram recebidos e protegidos de uma maneira notável por Raimundo, conde de Toulouse, e por outras pessoas de alta distinção, onde os bispos locais, por motivos de humanidade ou de preguiça, não se sabe, permitiram-nos a formar colônias, e multiplicar prodigiosamente de dia a dia. Essas seitas (os albigenses) formaram, pouco a pouco, um partido tão poderoso que eles se tornaram muito temíveis aos olhos dos papas romanos, e puseram em perigo a jurisdição papal naquela região”.

O próprio Pedro Valdo, encontrou os albigenses já bem estabelecidos em toda a região em volta da cidade de Leão, onde ele iniciou seu ministério. Diz Dr. Allix (Orchard, página 192): “Os albigenses, cujos pontos de vista religiosos já estavam bem firmados na região deram a Valdo o seu apoio total, assim que este apareceu pregando publicamente”. Como confirmação dessa identidade dos albigenses com os valdenses, citamos aqui Jacó de Riberia, secretário do rei da França, na sua história de Toulouse (Orchard, página 193): Os valdenses...primeiramente se encontravam na diocese de Albi (daí, o nome de albigenses)... Eles foram posteriormente permitidos pelos vigários locais a pregarem e ensinarem publicamente, não que estes aprovassem dos seus ensinamentos (dos albigenses), mas porque os sacerdotes (católicos) não eram iguais a eles em habilidade (isto é, não tinham capacidade de refutar seus ensinamentos, desde que os valdenses usavam a Bíblia para provar os seus ensinamentos). Esta seita de homens foi tida em tanta honra que foram isentas (pelo governo dos condes) de impostos; e recebiam mais benefícios dos testamentos dos falecidos do que os sacerdotes católicos. Se alguém encontrasse o seu inimigo acompanhado de um desses hereges (dos albigenses), ele deixava de vingar-se do inimigo, já que a segurança de todos os homens era julgado ser dependente da proteção garantida aos hereges!”

Já o citado inquisidor Reinério (Orchard, página 193), o qual examinava os valdenses e os albigenses, afirma o seguinte: “Em suas maneiras, eles são calmos e modestos, sem ostentação de vestimentas, cujos trajes não são caras, e nem sórdidas. Eles realizam seu negócios sem mentiras, fraude, ou juramentos, sendo eles na sua maior parte, de profissões manuais; seus pastores e ensinadores são tecelões ou sapateiros, os quais não podem multiplicar riquezas, contentando-se com o que é necessário. Esses ‘leonistas’ (de Leão, cidade dos albigenses e de Valdo), são muito puros e moderados no comer e no beber; eles não freqüentam os bares e as bodegas. Eles controlam suas paixões, e sempre passam seu tempo trabalhando, ensinando, ou aprendendo. Eles se reúnem freqüentemente para os seus cultos...” Jones diz (Conferências, página 274) que Reinério procurou justificar o grande crescimento dos albigenses e valdenses como sendo estimulado por vários fatores: 1) Motivos de vanglória: os “doutores” (ensinadores) albigensianos querem se honrados da mesma forma que os doutores católicos. 2) Devido ao seu grande zelo. Todos eles, tanto homens como mulheres, de dia e de noite, não param de ensinar e de aprender. 3) Devido à disponibilidade das Escrituras, traduzidas por eles na língua vulgar (do povo), as quais estão sendo constantemente citadas e explicadas por eles. Ele diz: “Eu já vi e ouvi certo jovem rústico, sem estudos, citar o livro de Jó, palavra por palavra, sem errar, e vi muitos deles que conheciam de cor o Novo Testamento inteiro”. 4) Porque eles ensinam as suas doutrinas em lugares secretos, em horários conhecidos só por eles, na presença somente dos crentes. 5) Devido ao escândalo do mau comportamento de certos católicos (referindo-se à vida imoral dos colegas de Reinério, os padres e bispos católicos!) 6) Devido aos ensinamentos dos padres não autorizados pelas Escrituras (uma confissão interessante de um inquisidor católico, perseguidor desses “hereges”!). Diz ele: “O que um doutor da nossa igreja (católica) pregar, que ele não prove pelo Novo Testamento, os albigenses consideram falso, contrário à autoridade da igreja católica”. 7) Devido à falta de reverência com que certos ministros (padres) realizam o sacramento (havia já, nessa época, os festivais “dos burros” e outras blasfêmias realizadas nas catedrais pelos próprios vigários da igreja. Criava-se um “bispo de palhaços”, e um jumento, vestido de capa e chapéu de cardeal era levado para dentro da catedral e o vigário despidia a multidão zurrando três vezes como burro, e o povo lhe respondia em tom de asno! (Orchard, página 150, citando Jones). 8) Devido ao ódio que eles (os hereges) têm da igreja católica (!). Diz Reinério: “Já ouvi da boca dos hereges que eles querem tirar os dízimos dos padres e dos monges, assim reduzindo-os ao estado de trabalhadores manuais!” Ainda o Reinério comenta, a respeito do crescimento e grande número dos “hereges”: “Em todas as cidades de Lombardo, e em Provença, e em outros condados e reinos, há maior número de escolas dos hereges do que de teólogos (católicos), e muito mais gente que os ouve. Eles debatem publicamente (com os católicos), chamando o povo para assistir aos

debates, e pregam nos mercados, nas feiras, nos campos, e nas casas. Eu tenho estado presente, frequentemente, na hora da inquisição (do exame) dos hereges, e posso afirmar que as suas escolas, só na diocese de Pavia, chegam ao número de 41!”.

No ano 1.198 D.C., o papa Inocêncio III resolveu acabar de vez com os herges da região do sul da França, e com a ajuda de Dominique, o fundador da sociedade dos dominicanos (“os cães de Deus”), organizada com o único intuito de caçar e castigar todos quantos não concordavam com a fé católica, o papa mandou um grande exército contra essa parte da França, que atacou as cidades de Toulouse, Narbona, Biziers, e outros mais, o qual cometia horrendos crimes de massacre aos súditos principalmente de Raimundo, o conde de Toulouse, e seu filho, Raimundo Rogério, o qual foi assassinado na prisão por Simão de Montfort, o “nobre” que se entregou a obedecer à risca as ordens do papa, visando o total dos ditos “hereges” Albigenses. Esse Simão se tornou, a convite do legado do papa, o comandante principal dessa campanha de extermínio. Os monges pregavam as cruzadas, levantando os exércitos de homens fanáticos para derramar sangue, já que lhes foi prometido o paraíso instantâneo caso caíssem mortos em batalha, e pleno perdão de uma vida de pecado, crime, e vício, só completando os 40 dias das cruzadas. As incursões foram repetidas até que todos os albigenses da região ou haviam sido liquidados, ou expulsos. Foi no sítio à cidade de Besiers que o legado do papa, Arnaldo Amalric, falou as suas famosas palavras, ao ser interrogado pelos lordes perplexos: “Como saberemos distinguir os católicos dos hereges?” A essa pergunta Arnaldo replicou: “Matem todos eles! O Senhor conhecerá bem aqueles que pertencem a Ele!” Só na tomada dessa cidade foram massacrados 60.000 pessoas, homens, mulheres, crianças, velhos, tudo quanto tinha fôlego. Os soldados, munidos assim das “indulgências plenárias” do papa, abusavam das mulheres antes de matá-las. Depois a cidade toda foi reduzida a cinzas, como um “grande holocausto para o Senhor”. Na tomada de ainda outra cidade, a de Lavaur, o historiador católico que assistia, sendo ele um dos monges fanáticos das cruzadas contra os albigenses, assim descreve a matança: “A senhora da fortaleza, a qual era irmã de Aimery, e uma herege execrável, foi, pela ordem do conde Simão, jogada para dentro de uma fossa, a qual foi então entupida de pedras. Depois disso, os nossos peregrinos (referindo-se aos soldados da cruzada), ajuntaram os hereges inúmeros que se encontravam na fortaleza (realmente o número era de 400, segundo outra fonte fidedigna), e os soldados os queimaram vivos com grande gozo!” (Jones, Conferências, página 307). No final dessas cruzadas, cerca do ano 1.218 d.C., depois de vinte anos de matança e derramamento de sangue, um milhão de vidas inocentes haviam sido sacrificadas. Entre essas a grande parte era de albigenses, mas apesar disso, é afirmado por autoridades dignas de confiança, que havia ainda na Europa no ano de 1.260 D.C. (no final dessas cruzadas), 800.000 pessoas que confessavam a fé dos valdenses (albigenses)!” (Orchard, página 226). A Igreja de Cristo ainda continua em pé!

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) O apelido “albigenses” se deriva da cidade de _____ do sul da França.
- 2) Como foi a origem dos albigenses que surgiram em grande número nessa região?
- 3) Como descreve Jacó de Riberia a honra conhecida por quase todos aos “hereges” albigenses?
- 4) Como descreve o Reinério os modos de vida albigenses?
- 5) Comente a alegação de Reinério com respeito ao suposto “ódio” dos albigenses da Igreja Católica.
- 6) O que foi prometido pelos monges pregadores aos integrantes do exército de fanáticos para o extermínio dos albigenses?
- 7) O nome do comandante desse exército foi o lorde _____.
- 8) Cite as palavras de Arnaldo Amalric, o legado do papa, quando interrogado como haveriam de separar os hereges dos católicos da cidade de Beziers _____.
- 9) Quantas vidas inocentes foram sacrificadas nas cruzadas contra os albigenses?
- 10) Quantos anos durou a guerra de extermínio?

OS VALDENSES (do ano 1.100 ao anos 1.500 D.C.) [Conclusão]

VI. A POSIÇÃO DOUTRINÁRIA DOS VALDENSES

Se bem que tenhamos citado os testemunhos das fontes históricas deixadas pelos inimigos e por alguns dos amigos dos valdenses, quanto às suas doutrinas e práticas bíblicas, queremos deixar fora da dúvida a afirmação de que esse grupo de crente “evangélicos” eram, realmente, dos nossos antepassados batistas, particularmente em visto do fato

de que quase todas as igrejas reformadas (protestantes, da grande reforma, de 1.500 D.C. em diante) logo queriam estabelecer identidade com eles, devido às zombarias dos católicos. À essa altura convém citar as palavras do historiador inglês, não batista, Roberto Robinson, o qual já foi citado várias vezes, no seu prefácio à obra, “Dissertação de Claude”, volume II, página 53, citado por Jones, “Conferências”, páginas 217-218: “Todos os nossos doutores (teológicos) afirmam, e todos os nossos historiadores comprovam, e a Igreja Romana não procura desmentir, o fato de que existem, desde os dias dos apóstolos, vários dissidentes das ‘igrejas’ estabelecidas (católicas). Esses dissidentes têm sido acusados de inúmeras calúnias, chamados por nomes odiosos, acusados de defenderem erros detestáveis e marcados com infâmia pública; mas durante a Grande Reforma esses mesmos dissidentes foram pesquisados e tirados da obscuridade, ‘lavados’ e ‘vestidos’ de roupas novas, e apresentados como testemunhas, quantas vezes surgisse (da parte dos católicos) a seguinte pergunta: ‘Onde estava a sua igreja (as dos reformadores) antes do luterano?’ Eu pessoalmente já vi o suficiente para me convencer de que os dissidentes ingleses (entre os quais os batistas ingleses da época), os quais defendem a suficiência das Escrituras e a liberdade cristã primitiva de interpretar, individualmente, o sentido das mesmas, podem ser ligados, através das pesquisas históricas, aos antigos não-conformistas: os puritanos, os lollardos, os valdenses, os albigenses, e, através dos paulicianos, e outros mais, aos próprios apóstolos. Essas igrejas (evangélicas) às vezes tinham uma existência clandestina, e outras vezes visível, e eu bem que quisera dizer uma existência legal (mas não posso); acontece que essas igrejas sempre defendiam mais da verdade e menos do erro do que as dos seus perseguidores (católicos)! Uma ramificação deles (dos “hereges”) uniformemente negava o batismo infantil, e todos os grupos admitiam a liberdade cristã, sendo todos eles inimigos da hierarquia estabelecida reinando sobre as consciências dos seus irmãos!”

Como disse Robson, todas as igrejas reformadas queriam apontar para os valdenses como sendo dos seus antecessores, mas tem ficado bastante evidente, que, no caso de pelo menos a maioria deles, são antepassados doutrinários dos batistas, e não das igrejas reformadas, todas as quais trouxeram muita bagagem com eles ao se separarem da fé católica. Tanto Martinho Lutero, bem como João Calvino queriam ser identificados com os valdenses, e de fato, conseguiram trazer uma porção deles para dentro do “aprisco” reformado, como veremos mais adiante. Mas os padre Gretzer, o qual no ano 1.613 d.C. publicou os escritos completos de Reinério, o inquisidor da época dos valdenses, afirma, comentando as práticas e as doutrinas dos valdenses: “Isto é um retrato fiel dos hereges dos nossos dias (do ano 1.613), principalmente dos anabatistas!” (Jones, página 475, do “conferências”). Limborch, o professor de divindade da universidade de Amsterdã, na sua “História da Inquisição”, volume I, capítulo 8, citado por Jones, History, página 84), embora membro, na época, da Igreja Reformada da Holanda, ainda discorda com Lutero e Calvino e com os demais reformadores, ao afirmar: “Para dizer francamente o que penso (dos albigenses e valdenses) é que de todas as seitas atuais do cristianismo, são os batistas holandeses os que mais se parecem com os antigos albigenses e valdenses!” O historiador afamado, o luterano Mosheim, já citado, concorda com Limborch: “Antes do surgimento de Lutero e do Calvino, existiam, meio ocultados, em quase todos os países da Europa, pessoas que defendiam tenazmente os princípios dos atuais batistas holandeses!” (História de Mosheim, citado por Jones, History, página 84). Com esses testemunhos concordam todos quantos pesquisam em profundidade a história dos valdenses.

Jones cita (páginas 220-221) o renomado historiador Venema, da sua “História Eclesiástica”, volume VI, divisões 115-126, como afirmando a identidade doutrinária dos valdenses em geral, sendo, segundo ele, descendentes dos paulicianos, e su-divididos, na época dos valdenses, em grupos conhecidos pelos apelidos de paterini, picardos, lombardos, boêmios, búlgaros, albigenses etc. Ele afirma mais que todas esses “seitas” não constituem grupos divergentes, defendendo sentimentos doutrinários conflitantes... pois nem a igreja romana lhes acusa de doutrinas diferentes uns dos outros, e sim, os condenam e os perseguem, a todos, sob a denominação geral de hereges e por vezes, de maniqueus. Ele prossegue a mostrar que tipos de “heresia” que era, pelo qual eles eram universalmente condenados pela igreja romana. Ele afirma que suas principais “heresias” se resumem nas seguintes doutrinas:

1) Que as Sagradas Escrituras são a única fonte verdadeira da nossa fé e prática. Eles usavam principalmente o Novo Testamento, mas, ao contrário das acusações infundadas dos seus inimigos, eles reconheciam o Velho Testamento como sendo canônico igual ao Novo. 2) Eles aderiam à fé completa da ortodoxia teológica (quanto à natureza de Deus, de Cristo, como divino etc.). Não eram “maniqueus” nem “adocionistas” (“cátaros” que criam que Jesus era só humano até receber o Espírito por ocasião do batismo). Eram inteiramente sãos na sua teologia. 3) Eles rejeitavam todos os

ritos externos da igreja romana, menos a **ceia e o batismo**. Não aceitavam a santidade especial dos templos católicos, as vestimentas, as imagens, os crucifixos, a adoração das relíquias santas (ossos dos mártires, pedaços da “verdadeira cruz”, etc.), e os demais (cinco) sacramentos da igreja romana. Eles consideravam tudo isso como **invenções de Satanás e da carne** e que não passava de superstição pagã. 4) Rejeitavam a doutrina do purgatório, das missas e rezas pelos defuntos, admitindo somente dois destinos finais, o do céu e o do inferno. 5) Não admitiam as indulgências, as confissões pelo pecado (ao vigário), só admitindo as confissões mútuas dos crentes para fins de conforto e instrução. 6) Admitiam só as ordenanças do batismo e a ceia, mas somente em caráter de símbolos, negando a presença real de Cristo na “eucaristia”, conforme descobrimos na obra sobre o anticristo, e como Ebrardo, de Betúnia, lhes acusa no seu livro contra as “heresias”. 7) Criam somente em três ordens eclesiásticas (na realidade, só duas): os bispos (pastores), os presbíteros (também pastores), e os diáconos, julgando os demais só invenções humanas. Julgava a ordem dos monges “um defunto malcheiroso”, e os votos o invento dos homens. Alegavam que o casamento para o clero era desejável e necessário. 8) Finalmente, que afirmavam a igreja romana era a grande meretriz da Babilônia (Apocalipse 17 e 18), e eles recusavam obedecer o papa ou os bispos romanos, e afirmavam que o papa não tinha qualquer autoridade sobre as igrejas, nem possuía o poder da espada civil ou eclesiástica.

Onde estava, então, a “heresia” dos valdenses? Consistia em afirmar a verdade do Novo Testamento, e negar as tradições da igreja romana, ainda mais, condenando aquela igreja, chamando-a da “grande meretriz!” Não é de se admirar que a igreja católica ficasse bastante perturbada pelo grande número desses “hereges” que havia por toda parte!

Os valdenses, através dos anos, publicaram várias confissões de fé. Jones resume alguns pontos que aparecem nessas confissões, nas páginas 454-455, “Conferências”: ele diz que nelas os valdenses afirmam que “a igreja de Roma é a meretriz da Babilônia, e o papa e os bispos são os lobos da igreja de Cristo – tantas ordens e classes de clero, tantos sinais da besta!” eles não eram unitarianos ou adocionistas, pois criam “que Deus é um só: **Pai, Filho e Espírito Santo**”. Criam na plena divindade de Cristo, sua igualdade em essência divina com o Pai. Criam na queda de Adão, e que os homens nascem do pecado original, e podem ser salvos somente pela graça, sem méritos próprios de qualquer espécie, através da morte sacrificial e substituta de Cristo na cruz; que Cristo é o único intermediário, e que os pecadores são regenerados (nascidos de novos) pela operação do Espírito Santo nas suas almas: “sendo por Ele renovados no espírito dos seus entendimentos, o Qual nos faz novas criaturas para, em seguida, realizarmos as boas obras, e do Qual, nós recebemos o conhecimento da verdade”. A respeito da igreja, eles dizem que uma igreja cristã é “uma assembléia (congregação organizada) de crentes, homens fiéis, e que de tal igreja somente Cristo é o cabeça; que ela é governada por Sua Palavra, e guiada pelo Espírito Santo; que todos os crentes devem pertencer a tal igreja; e que as únicas ordenanças que Cristo deixou são a da ceia e do batismo; a duas ordenanças são simbólicas, ou sinais visíveis de coisas santa”, ou seja, “sinais visíveis de bênçãos invisíveis”, e que somente pessoas verdadeiramente convertidas estarão em condições de participar nelas.

Por não crerem nas “ordens eclesiásticas” (papa, cardeais, bispos, padres etc.), seus inimigos acusavam aos valdenses de não terem pastores. Mas o próprio historiador católico, o bispo Bousset, diz: “Os valdenses não admitem que um leigo (irmão não consagrado) administre a Ceia do Senhor” (Jones, página 458). Comênio, grande historiador das igrejas da Boêmia, afirma: “Um ministério estabelecido foi sempre considerado um assunto de grande importância entre as igrejas dos valdenses” (Jones, página 459). Certa vez, afirma mais o Comênio, os valdenses (da Boêmia) foram espalhados por uma grande perseguição, somente ficando um dos pastores, por nome Miguel Zambérbio. Ele foi enviado pelos irmãos até as fronteiras de Morávia e Áustria, onde deviam existir igrejas valdenses, para poder consultá-las, levando consigo dois candidatos ao ministério. Ao chegarem, um dos pastores locais, pelo nome de Estevão, convocou seus colegas pastores da região, os quais todos impuseram as mãos na congregação desses candidatos, para que pudessem voltar para Boêmia com autorização bíblica para dar continuidade à obra. Disto, diz Dr. Allix, “se torna evidente que os valdenses conservavam entre eles a antiga disciplina (ordem) das igrejas; daí vemos que é falsa a acusação de que não existia entre eles um ministério legítimo, e que os leigos tomavam entre si a autoridade de pregar, consagrar pastores, e de administrar as ordenanças”.

Sobre seus pastores, Pierre Gilles diz (citado por Jones, página 461): “Os valdenses tiveram pastores bem estudados, homens versados nas ciências, nas línguas, e no conhecimento das Escritura Sagradas, bem como nos escritos dos antigos padres...todos os seus barbes (pastores) se entregam...à tarefa de transcrever as Sagradas Escrituras

para o uso dos seus estudantes (obreiros das suas escolas bíblicas), antes que a arte de impresso fosse conhecida. Todos eles conheciam algum ofício útil, muitas vezes da medicina e da cirurgia, na qual, aliás, eram muito hábeis, e pela sua habilidade eram procurados. Alguns deles eram homens casados; outros viviam como solteiros, não por escrúpulos de consciência, e sim, para terem a liberdade para viajar para as igrejas distantes e para efetuar obras evangelísticas e missionárias”.

Serve de grande interesse o testemunho do Luiz XII, o rei da França de 1.498 D.C. Acerca dos valdenses de Provença, ele tinha ouvido de crime horrível atribuídos a eles por seus inimigos católicos, e por isso mandou seu representante pessoal para lá investigar o assunto. Esse representante, um doutor de teologia (católica), visitou todas as paróquias onde se encontravam os valdenses, e os lugares dos seus cultos. Ele não encontrou nada de imagens, sinais ou objetos pertencentes à missa, ou a quaisquer cerimônias da igreja romana, e muito menos qualquer prova dos supostos crimes alegados por seus inimigos. Pelo contrário, descobriu que os valdenses respeitavam o dia do Senhor(domingo) observavam a ordenança do batismo segundo o costume da igreja primitiva (das igrejas apostólicas), instruíam seus filhos nas doutrinas da fé cristã e dos mandamentos de Deus. Quando o rei ouviu o relatório dos seus enviados, ele disse com juramento, que **os valdenses eram melhores homens do que ele mesmo ou de qualquer um do seu povo (católico)!** (Do Perrin, citado por Jones, página 470).

Citamos aqui dois artigos de fé de uma confissão de fé valdense, datada de 1.120 d.C., tornada pública por João Paulo Perrin, na sua História dos Valdenses, do ano 1.619 d.C.: Artigo 12: “Cremos que os sacramentos (as ordenanças) são sinais de coisas sagradas, ou sinais visíveis de bênçãos invisíveis. Consideramos conveniente, e mesmo necessário que os crentes usem desses símbolos, ou forma visíveis, quando for possível; por outro lado, afirmamos que os crentes serão salvos **sem esses sinais**, quando não há nem lugar, nem oportunidade para observá-los. Artigo 13: Não reconhecemos nenhum sacramento (ordenança) senão somente **o batismo e a ceia do senhor**”. (Jones, página 482). É interessante como os reformadores procuravam atribuir aos valdenses a crença no batismo infantil, pois todas as igrejas reformadas ficaram com essa relíquia do papado, e queria, de qualquer modo, justificar tal prática. Mas existem bastantes testemunhas, principalmente dos seus inimigos, os católicos, contemporâneos, no sentido de que, foi justamente por causa dos valdenses **desprezarem** o batismo infantil e insistirem no batismo **só de crentes** que lhes trazia tamanha perseguição! As citações são **numerosas**, trago somente uma, de Ermengardo, quando escrevia para combater os valdenses: “Esses hereges (os valdenses) afirmam que o batismo não pode servir para qualquer um senão para aquele que o pede com a própria boca; daí, eles tiram a conclusão errônea (diz Ermengardo) de que o batismo nenhuma vantagem traz para o bebê” (Jones, página 486).

Os valdenses não eram da fé e doutrina dos reformadores, e sim, dos batistas. Entre os reformadores, Jones (página 500) menciona os nomes de Martinho Lutero, João Calvino, Felipe Melancthon, João Decolampádio, Pedro Mártir, Bullinger, e muitos outros, dos quais todos concordavam nos seus pontos doutrinários principais, com Lutero e Calvino. Apesar de ele mesmo ser protestante, e não um batista, Jones afirma: “Eu considero todos esses reformadores, em geral **muito inferiores** aos valdenses no seu conhecimento das Sagradas Escrituras, e no seu entendimento da natureza espiritual e celestial do reino de Cristo, principalmente quanto às suas instituições, leis, e ao seu culto. Tanto Lutero, bem como Calvino, eram defensores de um **cristianismo nacional**: Eles tinham por objetivo englobar países inteiros no cristianismo em vez de voltarem para os princípios bíblicos, separando os discípulos (crentes) de Cristo do **mundo incrédulo**, e unindo-os em uma comunhão entre eles mesmos, conforme as instruções apostólicas (I Coríntios 5:17). Esses reformadores tinham sido treinados em escolas erradas, e precisavam **desaprender** muita coisa...e possuíam muitas manchas misturadas com as suas boas qualidades.

Os valdenses eram batistas também na forma democrática do seu regime interno. Diz Preger, uma autoridade histórica, citado por Jarrell (Baptist Pepetuity, página 179), “Nas suas igrejas, toda a autoridade eclesiástica foi depositada **na congregação** (na assembléia plenária da igreja), de modo que não havia, entre eles, nenhum lugar para bispos. Reinério afirma que eles criam na absoluta **igualdade** de todos os membros da igreja”.

VII. AS SUA PERSEGUIÇÕES

Desde o século doze, os papas se entregaram a uma guerra sem tréguas, de total extermínio contra os valdenses. Os vales dos alpes, da região do Piemonte, foram invadidos inúmeras vezes até que finalmente os antigos valdenses foram totalmente destruídos ou dispersos. Os daquelas regiões que atualmente se chamam de valdenses não são os mesmos da antiguidade. Eles são descendentes de pessoas que se uniram aos reformadores, e não passam de igrejas reformadas protestantes, como veremos adiante.

Ao descrever uma dessas incursões na província de Calabria, de soldados em serviço do papa, um historiador contemporâneo neapolitano (católico) diz o seguinte: “Alguns (dos valdense) tiveram seus pescoços cortados, outros foram serrados pelo meio, outros jogados do alto das gargantas e dos penhascos; todos foram cruelmente, mas **merecidamente** (diz o católico) **mortos**” Muito estranho foi ver a **teimosia** deles, porque os pais e seus filhos, assistindo a morte um do outro, nem pareciam ficar tristes, mas alegremente afirmavam que iriam ser anjos – repararem como o diabo, ao qual eles haviam se entregue, os tinha enganado!” (Jones, página 528). Em outra incursão, um dos valdenses descreve o seguinte retrato: “Os soldados torturaram 150 mulheres junto com os seus filhos, e depois cortaram as cabeças de alguns deles, e bateram a cabeças dos bebês contra as pedras para lhes estourar os miolos; alguns dos que foram levados prisioneiros, e que se recusaram a assistir à missa, foram enforcados, e outros pregados nas árvores pelos p’rd, com a cabeça para baixo...além de perderem tudo, casas, campos, e plantações, totalmente queimado e destruído!” (Jones, página 563). Entretanto em uma vila, os soldados do papa fizeram soar os sinos da igreja, chamando os valdenses para a missa. Como eles fugiram das suas casas para as florestas, os soldados os perseguiram, caçando-os como se fossem feras, matando-os todos (Jones, página 524). Um dos valdenses, pelo nome Marson, foi despido e surrado com varas, e depois arrastado assim pelas ruas, para depois ser morto, queimado com tochas. Seu filho foi levado para o alto da torre, onde lhe apresentaram um crucifixo, oferecendo-lhe sua liberdade se o adorasse. Ele respondeu que preferia morrer do que cometer a idolatria. Eles o jogaram da torre, e o inquisidor comentou, “Vamos ver agora se o Deus dele o salvará da morte!” (Jones, página 526). Bernadino Conde, outro valdense, foi condenado a ser queimado vivo. Quando o levaram para a estaca, colocaram um crucifixo nas mãos, o qual ele jogou para o chão. O inquisidor ficou tão raivoso que mandou que fosse coberto de piche antes de ser queimado (Jones, página 526). O mesmo inquisidor, por nome Penza, enviado do **Papa Piedoso IV**, mandou que oitenta e oito dos valdenses tivessem seus pescoços cortados, como o matador faz com o gado, seus corpos repartidos em quatro parte, e cada uma das partes espetada em cima de estacas fincadas na terra ao longo de uma distância de 50 quilômetros, entre Montauld e Castelo Villar, (Jones página 526). Uma testemunha ocular, enviada do inquisidor Ascânio Caracciolo, numa carta ao mesmo, datada de 11 de junho de 1560, descreve pormenorizadamente a cena chacina. Os valdenses prisioneiros foram fechados numa casa. O carrasco entrava e saía com um dos prisioneiros, fazendo-o em seguida ajoelhar-se, e cobrindo-lhe o rosto com um pano, cortava-lhe o pescoço. Depois entrava e trazia outro, repetindo a cena macabra, até que o carrasco ficasse com o braço cheio de sangue, e o pano ensopado e pingando o sangue dos massacrados (Jones, páginas 526-527).

Dessa maneira milhares e mais milhares de valdenses marcharam para a morte com coragem e mesmo com alegria durante os séculos treze a dezesseis. O massacre final foi ordenado pelo duque de Savoy, a pedido do papa, no ano 1686 d.C. Depois dessa data, não aderiram ao movimento dos reformadores, e atualmente eles praticam o batismo infantil, e têm um sistema de episcopado contrário à praxe (Jarrell, página 176).

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) Segundo Robinson, com que grupo de crentes os reformadores queriam se identificar?
- 2) Robinson acredita haver uma sucessão de igrejas apostólicas através da linhagem dos valdenses, albigenses, e outros mais?
- 3) A que grupo de crentes atuais se pareciam os antigos valdenses e albigenses, segundo o testemunho dos três historiadores: Cretzer, Limborch e Mosheim?
- 4) Mencione pelo menos duas das crenças dos valdenses, mencionadas por Venema, consideradas heréticas pelos católicos.
- 5) Mencione pelo menos **duas** das crenças dos valdenses contidas em suas próprias confissões de fé.
- 6) Os valdenses criam na igreja **universal**, ou só na **local**?
- 7) Segundo Comênio, como sabemos que os valdenses faziam questão de ter um ministério devidamente consagrado?

- 8) Falso ou Verdadeiro: Pierre Gilles afirma que os pastores dos valdenses eram homens rudes e sem estudos.
- 9) Luiz XII, rei da França de 1.498 D.C., tornou-se simpatizante, ou perseguidor, dos valdenses que moravam na Provença?
- 10) O que afirmam as confissões de fé valdenses, a respeito das ordenanças (ceia e o batismo)?
- 11) Falso ou Verdadeiro: Ermengardo afirma que os valdenses apoiavam o batismo infantil.
- 12) Qual a diferenças básicas das idéias dos reformadores e dos valdenses, com respeito à natureza da igreja na terra?
- 13) Segundo Jarrell, como sabemos que os valdenses eram batista no regime do governo das suas igrejas?
- 14) Falso ou Verdadeiro: Os valdense foram para sua morte com coragem e alegria.
- 15) Os atuais batistas são descendentes dos antigos valdenses. (Falso ou Verdadeiro).

OS ANABATISTAS (do ano 1.500 D.C. ao ano 1.600 D.C.)

INTRODUÇÃO:

Datamos os anabatistas europeus do ano 1.500 d.C. a 1.600 d.C., não porque o nome “anabatista” fosse novidade nessa época, aparecendo pela primeira vez; o apelido inclusive data da época de Tertuliano (200 D.c.) e foi aplicado a qualquer igreja ou seita que repetisse o ato do batismo para a pessoa ingressante, oriunda de outras igrejas ou seitas. Em certos casos, o ato foi repetido para as pessoas que tivessem renunciado Cristo sob a pressão da perseguição; em outros, houve re-batismo devido à disciplina frouxa da igreja ou da pessoa que ministrou o primeiro batismo; e por outras vezes, foi devido à diferença de doutrina das respectivas igrejas. Qualquer igreja julgada “irregular” pelos batistas teria perdido o seu direito divino de ministrar as ordenanças de Jesus Cristo.

Mas nessa época, acima indicada, os reformadores europeus romperam com o papa, e, embora de primeiro concordando com os batistas, os reformadores mais tarde resolveriam marginalizá-las e ainda persegui-los. Eles (os reformadores) desejavam estabelecer igrejas nacionais, apoiadas pelo governo e, portanto, acabaram recuando-se das posições doutrinárias dos batistas. Martinho Lutero, da Alemanha, ao romper com o papa, pelo ano de 1.520 D.C., traduziu o Novo Testamento para a língua alemã, no qual a palavra “batizar” foi traduzida pela palavra, em alemão, “mergulhar”, e João o batista foi traduzido “João o mergulhador!” (Orchard, página 344). Isso muito ajudou a causa dos batistas! Nos seus primeiros escritos, Lutero afirmava: “Não poderá encontrar apoio nas Escrituras o batismo infantil; Cristo não o estabeleceu; nem foi inaugurado pelos apóstolos, nem ainda pelos cristãos primitivos depois dos apóstolos”. (Orchard). Mais adiante, quando parecia que os batistas iriam tomar conta do movimento reformador da Alemanha, Lutero se retratou, e amaldiçoou os batistas por **não batizarem os seus filhos recém-nascidos!** Lutero ainda conservaria a doutrina da “consubstanciação” (Cristo presente literalmente na “hóstia”), e o sistema católico de culto e de catequismo. Enfim, a única diferença entre as igrejas luteranas “evangélicas e reformadas” e as católicas, acabou sendo somente o seu desligamento da autoridade do papa! Lutero não admitia rival na liderança da reforma, até brigando com João Calvino (França) Ulrich Züinglio da suíça, Muncer, Carolstadt, e Melancthon da Alemanha, os quais ele venceu e se tornou o líder indisputado da grande reforma européia. Se não lhe eram antipáticos os demais líderes da reforma, os batistas lhe causavam verdadeiro horror! Ele lhes tratava com a mesma severidade e espírito de perseguição aos quais eles já haviam sido subjugados pelos regimes católicos das épocas passadas. Milhares de batistas alemães foram mortos através de afogamento na água (com punição correspondente ao seu “crime” do re-batismo), e do fogo nas estacas. Outros fugiram para os países vizinhos. Mosheim (História, capítulo 16, parágrafo 11, página 336) afirma que multidões deles passaram para Holanda e os “países Baixos” onde se misturavam com os batistas holandeses, (Orchard, páginas 341-353).

I. OS ANABATISTAS DESCENDEM DOS ANTIGOS VALDENSES.

A ligação dos anabatistas deste período com os antigos valdenses torna-se óbvia através de vários fatos da história. Infelizmente, os que atualmente trazem o nome “valdense” não podem mais ser identificados com os valdenses (batistas) antigos. Jarrell cita várias fontes histórica que afirmam o seguinte: Diz Armitage (página 304): “Um grande concílio dos valdenses foi realizado em Angrogna, no estado de Savoy, no ano 1.532, para o qual os protestantes (reformados) da Suíça enviaram Farel e Olivetan (dois pastores reformados, colegas de Lutero) e como resultado desse encontro, os valdenses em parte deixaram a doutrina do batismo **só de crentes adultos**, passando a

tolerar, e mesmo praticar, o batismo das criancinhas. A partir dessa data, os valdenses e os protestantes se tornaram único grupo evangélico unido”. Roberto Baird afirma que esse desvio da maioria daqueles ainda chamados de valdenses, da época da reforma, foi devido à influência dos reformadores, exercida através das suas escolas teológicas de Genebra e Lausanne (da Suíça) para as quais os valdenses estavam já enviando seus jovens pregadores e obreiros para serem doutrinados e treinados para o ministério, os quais levavam de volta para suas igrejas valdensianas as falsas doutrinas protestantes e católicas, aprendidas nas referidas escolas.

Felizmente nem todos os valdenses concordavam com essa união com os protestantes, e esses passavam a ser chamados de “anabatistas”. Assim, bem no início da época da grande reforma, encontra-se um grande número de anabatistas na Europa. Essas igrejas anabatistas não tiveram origem simultaneamente com as igrejas reformadas; elas já existiam mesmo antes da grande reforma, e os anabatistas são os legítimos sucessores e continuadores dos antigos valdenses, assim ficando estabelecida a ligação direta dos anabatistas com as igrejas fundadas pelos apóstolos do Senhor Jesus Cristo. Não devemos nos esquecer do testemunho, frequentemente citado, do historiador insuspeito de favorecer a causa batista, Mosheim, o qual defendia com ardor a causa da sua própria igreja, a luterana, mas que teve a sinceridade, em qualidade de historiador eclesiástico, de fazer a seguinte concessão espantosa: “A verdadeira origem dos batistas...os quais receberam o estigma do apelido ‘anabatista’ por ministrarem de novo a ordenança do batismo para aqueles que passavam para suas igrejas, está escondida (ou seja, oculta) nas mais remotas profundezas da antiguidade!” (História, volume III, página 320).

Armitage (página 405) diz o seguinte, a respeito do relacionamento dos valdenses com os anabatistas: “...Assim podemos verificar as razões pelas quais os batistas foram adquirindo o nome de anabatistas em vez de ‘valdenses’. Quando Lutero apareceu, os batistas foram assim incentivados a saírem da sua obscuridade e dos seus esconderijos, para espalhar a luz do evangelho e para anular o poder das doutrinas supersticiosas romana. O zelo com que eles defendiam o batismo adulto (dos crentes), suscitou a oposição do governo, o qual emitia os editos mais severos contra eles (os anabatistas). Mesmo assim, eles batizaram grande número de católicos antes que se ouvisse falar em Lutero e na grande reforma! Normalmente a primeira pergunta feita pelos inquisidores aos ‘heréticos’ anabatistas quando sujeitos aos inquéritos católicos, foi sempre a mesma: “Foi você re-batizado?”, o que demonstra como essa prática do anabatismo já foi muito espalhada... Durante a grande reforma, segundo diz DE Hoop Scheffer, o número de valdenses holandeses que se juntou aos anabatistas, foi igual ao que aderiu ao movimento protestante dos luteranos e dos züinglianos...”

A essa altura, convém destacar o testemunho de João T. Chistian (History of the Baptists, volume I, página 90). Em todos os lugares onde existiam os valdenses da época medieval se encontram os anabatistas, já bem numerosos na época da grande reforma. O terreno ao longo do Rio Rino ficou tão bem preparado que um valdense do século quinze da nossa era podia viajar de Colônia (da Alemanha) a Milã (da Itália) e passar pelo menos uma noite na casa de um (valdense) irmão na fé. É exatamente nesses lugares que os batistas florescem durante a grande reforma”. Christian ainda afirma que muitos dos destacados pastores anabatistas ou tinham sido como pastores valdenses, ou tinham sido doutrinados pelos valdenses. Entre esses ele menciona os seguintes nomes: Hans Koch, Leonardo Meyster, Miguel Sattler, e Leonardo Kasser, os quais foram mortos pelos protestantes nos anos 1.524 a 1.527 D.C., na Alemanha. Em Augsburg, no ano 1.525, diz Christian, “Havia uma igreja batista de 1.100 membros, da qual Hans Denck era o pastor. Ele era de origem valdense. Assim também o eram Ludwig Hätzer e Hans Hut”. Ele menciona os nomes de Leonardo Cheimer e Hans Schaffer entre os pastores batistas também de origem valdensiana. Tomás Hermann, “o qual, no ano 1.522, trabalhava como pastor valdensiano, já era pastor de uma igreja batista quando morto como mártir no ano 1.527. Conrad Grebel, famoso pastor anabatista da Suíça, foi doutrinado pelos valdenses. Muitas das destacadas famílias batistas de Hamburgo, Altona, e Emden eram de origem valdensiana. Um fato também curioso é que muitos dos ‘sindicatos’ ou ‘grêmios’ de classe, bem como a maior parte do comércio de tecelagem, o qual anteriormente estava nas mãos dos valdenses, aparecem em mãos de batistas na época da grande reforma”. Todos esses fatos, documentados por Christian, servem para reforçar a conclusão de que os anabatistas não eram de origem recente quando surgem Lutero e os reformadores do século dezesseis.

Christian ainda dá confirmação da ligação dos anabatistas com os batistas antigos. Ele diz: “Os batistas da grande reforma afirmavam ter uma origem muito antiga, e reivindicavam para si uma sucessão de igrejas. Saiu um documento, de autoria anabatista, do ano 1.521, chamado (em latim): ‘Succedio Ana-baptistica’. O documento alega ser dos irmãos suíços, escrito e dirigido para os anabatistas holandeses, a respeito da sua origem, um ano antes de 1.522. No mesmo, eles alegam que ‘a verdadeira igreja só existe no meio deles, e que nunca houve tempo que não existissem igrejas verdadeiras de Jesus Cristo!’. Van Obsterzee da Holanda afirma: ‘Os batistas da Holanda...são mais antigos que a grande reforma, e não devem, portanto, ser confundidos com os protestantes do século dezesseis, porque está provado que a origem dos batistas é mais antiga e venerável’” (Herzog, Real Encyclopaedie, IX, 346, citado por Christian, páginas 92-93).

Ouçamos novamente as palavras de Ypeij e Dermout, historiadores holandeses, os quais pertenciam à igreja reformada da Holanda, escrevendo no ano 1.819: “Os menonitas (outro nome para os anabatistas) descendem dos evangélicos puros valdenses... os quais existiam bem antes de surgir a igreja reformada da Holanda. Vemos portanto que os batistas, antigamente chamados de anabatistas, são oriundos dos valdenses primitivos...e por isso os batistas devem ser considerados a única comunidade cristã que tem permanecido desde os dias apostólicos, e que tem conservado puros as doutrinas do evangelho através de todos os séculos...isso vem a desmentir a reivindicação católica no sentido dessa igreja (romana) ser a mais antiga!” (Citado por Christian, página 96 do volume I). Christian acrescenta que o governo da Holanda Ofereceu aos batistas, por causa desse testemunho, seu apoio oficial e financeiro, o qual foi cortês, mas firmemente recusado pelos batistas por contrariar o conceito batista da total separação de igreja e estado.

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) Desde que data o nome anabatista aparece na história?
- 2) Verdadeiro ou Falso: Lutero, no início, se simpatizava com as doutrinas batistas.
- 3) Por que motivo Lutero se recusou e começou a perseguir os batistas?
- 4) Qual a fonte da corrupção que aparece na doutrina dos valdenses na época de Lutero?
- 5) O que Mosheim diz para confirmar a antiguidade dos anabatistas?
- 6) Qual o fato, a respeito de muitos pastores anabatistas, que tende a confirmar a ligação dos anabatistas com os valdenses?
- 7) Qual o documento escrito pelos anabatistas suíços comprovando sua antiguidade?
- 8) Cite as palavras de Van Doesterzee a respeito da origem dos batistas.
- 9) Verdadeiro ou Falso: Ypeij e Durmout afirmam que os batistas haviam surgidos na época da grande reforma protestante.
- 10) Qual foi o efeito, com respeito ao governo holandês, da declaração de Ypeij e Durmout?

OS ANABATISTAS (do ano 1.500 d.C. ao ano 1.600 d.C.) [continuação]

INTRODUÇÃO:

Na última apostila demonstramos a ligação históricas dos anabatistas com os antigos valdenses. Os que querem datar a origem dos anabatistas da Grande Reforma de Lutero e Calvino se esbarram no fato de os mesmos encontrarem igrejas batistas já formadas e com suas doutrinas bem definidas e seu regime interno já aperfeiçoado, existindo em grande número quando eles iniciam seu movimento de reforma. A reforma das igrejas reformadas(Luterana, calvinista, züingliana etc.) demorou de 25 a 50 anos. Se os batistas começaram na mesma época, como se explica a existência de igrejas formadas e funcionais desde o início da reforma? É uma pergunta que nenhum historiador até hoje consegue responder sem admitir que os batistas tenham ligação com os valdenses anteriores á essa época.

II. OS ANABATISTAS BATIZAVAM POR IMERSÃO

William (Guilherme) R. Estep (“The Anabaptist Story”) escritor de tendência decididamente ecumênicas, embora professor “batista” do seminário batista de Fort Worth, Texas, E.U.A., afirma que o anabatismo europeu começou na casa de Felix Manz de Zurique, da Suíça, na noite de 21 de janeiro de 1.525, quando ele, junto com Conrado Grebel,

Jorge Blaurock, e outros foram batizados por aspersão, um batizando o outro (páginas 10-11). Mais adiante na sua obra, ele (Estep) se contradiz, ao dizer em uma anotação: “Züinglio considera Grebel o líder mais importante do movimento anabatista...mas isso não quer dizer que Grebel deve ser considerado o **fundador** dos anabatistas. Não se pode afirmar que os anabatistas tivessem um fundador...” (página 38). Com esta última afirmação estamos de pleno acordo! Os anabatistas não tiveram um fundador humano. Suas origens podem ser traçadas desde os próprios apóstolos. Eles não são filhos da Grande Reforma!”

John T. Christian (History of the Baptists, páginas 116-119) explica o caso da narração acima referida, como sendo baseada em uma “crônica moraviana”, qual documento não é muito digno de confiança. E mesmo se fosse verdade, Grebel e os colegas mencionados, tinham-se, havia poucos dias, separado do Züinglio justamente porque este não queria abandonar o batismo infantil. Pode ser que eles, convictos do “batismo de crentes adultos somente” pensavam corrigir-se da maneira indicada na “crônica moraviana”. Muitas vezes as pessoas, vindas do catolicismo, passavam por “estágios” para o anabatismo, finalmente encontrando a verdade. Do catolicismo, Grebel e outros passariam primeiramente para a doutrina de Züinglio e Lutero; depois, aceitaram o batismo batista e se tornaram destacados pastores anabatistas da época. A história nos diz que apenas três meses depois do seu suposto “batismo por imersão” acima indicado, Grebel se encontra na cidade de Schaffhausen (no mês de março de 1.525). Lá ele “instruiu Wolfgang Ulimann tão bem no conhecimento do anabatismo, que este lhe pediu o batismo, mas não de uma taça de água! Logo Grebel o mergulhou e o cobriu com as águas do Rio Reno”. Estas são as palavras de um pastor de igreja reformada de Lutero, pelo nome Kessler, na sua obra, “Sabatta”, II, página 266, citado por Christian. Isto prova que Grebel costumava batizar por imersão segundo o costume anabatista. Segundo Van Braght (Martirologia dos anabatistas, I, 7), Grebel e seus colegas eram chamados de “mergulhadores” e “afogados” pelos protestantes reformadores da Suíça. No mesmo mês, Grebel voltou para São Gall e lá batizou por imersão (ainda segundo o pastor luterano Kessler) centenas de convertidos no Rio Sitter, o qual se encontra uns cinco quilômetros distantes da cidade, provando conclusivamente que eles foram batizados por imersão (caso contrário, para que procurar o rio fora da cidade?). A igreja anabatista (batista) de São Gall logo chegou a ter 800 membros! Lá mesmo saiu-se um dos primeiros editos do governo contra os “mergulhadores”. Como os batistas submergiam seus candidatos, e isso lhes era atribuído como crime, deveriam ser submergidos e mortos afogados como punição. Em Zurique, investigados por Züinglio, o Concílio da cidade (o corpo governante) determinou: “Aquele que imerge será imerso (afogado!)”. [Christian, página 122]. Isso é uma prova incontestável que os batistas tinham o costume de batizar somente por imersão! Grandes números de batistas foram mortos de acordo com essas leis dos governos “protestantes, reformados, e evangélicos” de Züinglio da Suíça e Lutero da Alemanha. Entre os mártires foi executado Felix Manz, grande pregador e pastor anabatista. Foi condenado diante do tribunal como “herético” no dia 5 de janeiro de 1.527. Foi conduzido até o rio, onde foi colocado dentro de uma pequena embarcação. Ele ficou louvando Deus audivelmente, pelo privilégio de morrer pela verdade. Seu irmão e sua mãe chegaram perto e o exortava para que não recuasse, e sim, ficasse firme até à morte! Ao ser jogado para a água, no meio do rio, foi ouvido cantando as palavras de Cristo: “In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum”. (“Nas tuas mãos, Senhor, recomendo (entrego) o meu espírito”). [Christian, páginas 123-124].

Outra prova da imersão dos anabatistas é o fato de serem chamados, além de anabatistas (rebatizadores), pelo nome **catabatistas**. A palavra grega significa os que **imergem**. É o mesmo que a simples palavra “batista”, mas, com a preposição intensificadora “cata”, que significa “em baixo”...os que põe a pessoa em baixo das águas, ou seja, os que **mergulham o corpo completamente!** (Christian, página 109).

Por vezes os documentos que nos trazem a história desses tempos mencionam batistérios usados pelos anabatistas que eram um tipo do “casco”, ou “tina”, e disso alguns historiadores modernos se esforçam por provar que os anabatistas batizavam por aspersão seus candidatos em casas particulares, em receptáculos especialmente preparados para essa finalidade. Como muitos dos batismos eram realizados em segredo, por causa da perseguição, certos, irmãos abriam suas casas para os cultos, e preparavam esses “batistérios” para facilitar os batismos. Mas a palavra traduzida por “casco”, ou “tina”, não significa apenas um pequeno “barril”, ou “balde”, e sim um receptáculo do tamanho de um tanque grande, em que tanto o ministrante como o candidato podiam descer para efetuar-se a imersão total do batizando. Aí não se encontra nenhuma contradição às afirmações acima mencionadas. (Christian, página 112; Jarrell Baptist Perpetuity, páginas 198 ss.). Jarrell cita um historiador antigo de Augsburg, pelo nome Sender, que diz: “A seita (os anabatistas) odiada se reunia durante o ano de 1.527 nos jardins das casas, e homens e mulheres, ricos e pobres, mais de 1.100 ao todo, foram rebatizados. Eles se vestiam de roupas especiais para a ocasião, e nas casas eles tinham seus batistérios sempre havia roupas preparadas para o batismo”.

III. A ECLESIOLOGIA DOS ANABATISTAS

Apesar do Estep ser um batista “tipo ecumênico”, na sua obra, “The Anabaptist Story” ele trata com sinceridade a maior parte do material histórico a respeito desse povo. Ao comentar o que os anabatistas criam a respeito da doutrina da igreja, ele afirma: “O anabatismo não se interessava pelo conceito da igreja universal e invisível”. (Obras citada, página 181). Ele cita os escritos de Dirk Philips, destacado pastor anabatista: “O nome ‘igreja’ ou ‘congregação’ indica...a igreja visível, pois a palavra (grega) é *eclesia*, e significa: um ajuntamento ou a congregação de um grupo de pessoas...” Ele ainda cita o historiador dos anabatistas, Bender, que diz: “O movimento anabatista original rejeitava a idéia de uma igreja invisível, qual foi inventada por luterano, e ensinava que uma igreja (congregação) local será tão visível quanto um crente individual, e que o caráter de tal congregação cristã deverá ser manifesta”. Eles acreditavam que a ordem bíblica para se tornar membro da verdadeira igreja de Jesus Cristo é a seguinte: ouvir a Palavra, arrepender-se, crer, confessar sua fé publicamente diante da igreja local, e ser batizado por imersão. Hubmaier, grande pastor anabatista, enfatiza muito esta ordem nos folhetos e livrinhos publicados por ele durante o seu ministério.

Hubmaier, Mantz, Grebel, Pilgram Marpeck, e a maioria dos demais pastores anabatistas, tanto suíços como alemães e holandeses, selaram seu testemunho e ministério, no qual literalmente milhares e milhares foram batizados e unidos às igrejas anabatistas, com o derramamento do seu próprio sangue. Muitos morreram depois de serem horivelmente torturados. Foram desprezados e perseguidos, tanto pelos católicos, como pelos reformadores, por causa da sua posição sobre a doutrina da salvação pela graça, seu desprezo pela missa e pelo batismo infantil, demonstrado pela prática do batismo bíblico e da ceia bíblica; também pela recusa de pegar nas armas para a guerra, ou mesmo para se defenderem. Um dos pastores de maior influência foi Menno Simons, o qual foi convertido do sacerdócio da igreja romana. Ele espalhou o anabatismo por muitos países, e muito ajudou a causa, tanto externa como internamente. Ele era muito hábil nas Escrituras, muito erudito, e muito cheio dos frutos do Espírito Santo. Ele conseguiu sarar muitas divisões entre os irmãos, e definir bem as doutrinas fundamentais batistas, escrevendo largamente. Os anabatistas ganharam o nome “menonitas” dele, mas foi ele quem aceitou o batismo dos anabatistas, e simplesmente se tornou um dos seus pastores muito bem sucedidos. Os que hoje trazem esse nome (menonitas) não são mais aderentes das doutrinas dele em muitos pontos; os menonitas atuais aceitam o batismo infantil e não mais praticam a imersão para o batismo, senão aspersão.

Encerramos com um resumo do movimento anabatista, dado por Christian (páginas 103-104): “Os reformadores pretendiam reformar, pela Bíblia, a Igreja Católica Romana, mas os batistas voltavam diretamente para a época apostólica e aceitavam somente a Bíblia como regra de fé e prática. Os reformadores queriam fundar igrejas estatais (oficiais do governo), as quais abrangeriam todos os cidadãos e suas respectivas famílias, mas os batistas insitiam no sistema voluntário, com congregações de crentes batizados, separados do mundo e do estado (shaff, History of the Christian Church, VII, 72). Os anabatistas pregavam o arrependimento e a fé, organizavam congregações locais. Eram inteiramente ortodoxos nos artigos da fé cristã... Os batistas não achavam nenhum indício do batismo infantil na Bíblia, e o denunciavam como doutrina inventada pelo papa e pelo diabo. O batismo, eles falavam, pressupõe instrução (no evangelho), a fé, e a conversão, as quais são impossíveis aos bebês... O batismo voluntário de adultos e convertidos responsáveis e, portanto, o único batismo válido. Eles negavam que o batismo seja necessário para a salvação, e afirmavam que os bebês são salvos pelo sangue de Cristo sem o batismo. (confissão de Augsburg, parágrafo IX). Mas afirmavam que o batismo seja necessário para se tornar membro da igreja, e como sinal visível da conversão.

“Dessa doutrina do batismo segue-se que todos querendo unir-se aos batistas de outras seitas e igrejas teriam que submeter-se ao “re-batismo” batista. Essas duas idéias: uma igreja pura só de crentes, e o batismo de crentes somente, foram as crenças básicas do credo batista.

“A administração dos negócios da igreja local era muito simples. Através do batismo, o crente era recebido na comunhão dos membros. Cada igreja tinha seu líder, chamado “ensinador” ou pastor, o qual era eleito pela própria congregação. Se ele fosse removido através da morte ou perseguição, outro obreiro era imediatamente eleito para substituí-lo. Além dos pastores, haviam pessoas escolhidas para cuidar dos membros necessitados e obreiros competentes eram mandados para o campo como missionários. Os deveres do pastor eram os de exortar, ensinar, dirigir os cultos, ministrar a ceia, representar a igreja no ato de exclusão de membros da comunhão da igreja. Aos domingos, a

igreja se reunia para a leitura da palavra de Deus, para a exortação mútua, e a edificação na doutrina de Cristo. De tempos celebrava-se a ceia do Senhor, a qual eles chamavam de “o partir do pão” (Cornélio, II, página 49).

Ao lermos de várias fontes, muitas das quais nos falta tempo e espaço para incluir nesta apostila, o batista atual se convence que os verdadeiros anabatistas da Europa eram, realmente, os nossos antepassados espirituais e doutrinários. Não nos envergonhamos de nos identificarmos com eles.

Convém mencionar a rebelião de Münster da Alemanha, do ano 1.534, a qual tem sido atribuída aos anabatistas. Somente queremos dizer que a rebeldia contra o governo civil da Alemanha foi liderada por pessoas de orientação mais política do que religiosa. E que os anabatistas verdadeiros nada tinham a ver com a mesma. Os batistas não pregavam a revolução civil, em tempo nenhum, e durante essa época (1.500 a 1.600 D.C.) eram decididamente “pacifistas”. Em várias reuniões de confraternização, os líderes anabatistas condenaram os “homens loucos de Münster” e publicamente se livraram de qualquer responsabilidade quanto ao acontecido. Entre a “guerra dos camponeses” e a referida rebelião de Münster, pela ordem pessoal de Lutero, houve 100.000 morte. O mais destacado líder dos revolucionários foi certo pastor luterano, Bernardo Rothmann, e não algum anabatista. Martinho Lutero pessoalmente assumiu por todas essas mortes. Disse ele: “Eu, Martinho Lutero, derramei o sangue dos camponeses rebeldes; pois fui eu quem deu ordens para que fossem mortos. O sangue deles está, sim, sobre a minha cabeça, mas por outro lado, e o coloco em cima do Senhor Deus, pois foi pelo mando Dele que eu ordenei a morte deles!” (Luther, table talk, página 276). [Citado por Christian, página 156].

Os anabatistas já ficaram totalmente isentos de qualquer ligação com os “anabatistas fanáticos” de Münster, através do testemunho de centenas de historiadores. Em todas as épocas, sempre havia muitos que queriam o nome, mas não a fé, o testemunho, e a doutrina dos batistas.

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) Qual o fato citado na introdução para provar a antiguidade dos anabatistas?
- 2) Qual a ocasião citada por Estep como sendo o início dos anabatistas? Ele estará certo ou errado?
- 3) Como explica Christian o caso do falso batismo do Grebel?
- 4) Como sabemos que Grebel batizava por imersão os candidatos de São Gall?
- 5) Falso ou Verdadeiro: A mãe de Felix Manz tentou salvar a vida do seu filho da morte de mártir.
- 6) Como prova a imersão o apelido “catabatista?”
- 7) Comente os batistérios particulares dos anabatistas.
- 8) Como encaravam os anabatistas a doutrina da “igreja universal e invisível?”
- 9) De onde ganharam os anabatistas seu apelido de “menonitas?”
- 10) Verdadeiro ou Falso: O mais destacado líder dos “fanáticos de Münster” era um anabatista.

OS BATISTAS BRITÂNICOS

I. SUA ORIGEM

Os batistas da Grã-bretanha, entre os quais a maioria dos batistas das Américas encontra suas raízes, apresentam duas linhagens ou origens. Esses batistas não tiveram sua origem na dita “grande reforma” de Martinho Lutero, nem durante os dias em que a igreja Anglicana, ou seja, a Igreja da Inglaterra se formava. O rei Henrique VIII da Inglaterra separou-se da Igreja Católica Romana no ano de 1.534 d.C., criando assim mais uma denominação distinta. Diz Barclay, um historiador Quacker (Quacre) (citado por Christian, página 174), e existem bons motivos para se crer que na Europa muitas sociedades ocultas, as quais defendiam as opiniões dos anabatistas, têm existência desde os tempos dos apóstolos. No sentido da transmissão direta da verdade divina e da natureza da religião espiritual, é muito provável que essas igrejas (anabatistas) têm uma linhagem sucessão mais antiga do que a da Igreja Romana (Barclay, The Inner life of the Religious Societies of the Commonwealth, página 12).

A primeira dessas linhagens doutrinária descende diretamente dos trabalhos dos apóstolos ou pessoas batizadas por eles que pregavam e organizaram igrejas nas ilhas da Grã-bretanha já no primeiro século da nossa era. Davis (History of the Welsh Baptists, página 6), bem como outros historiadores, afirma que os primeiros cristãos batistas britânicos eram Cláudia Rufina, filha de um rei galês, e seu marido Púdens (II Timóteo 4:21), os quais levariam o Evangelho de Roma para Gales. Alguns afirmam que o próprio apóstolo Paulo chegou a pregar o Evangelho e estabelecer igrejas na Grã-bretanha. Certo monumento de pedra, com inscrição escrita em galês (o idioma de Gales), o qual foi descoberto há 200 anos, diz que Paulo visitou e pregou no país de Gales (Davis, página 179). O santo padroeiro do país da Irlanda, o “São Patrício”, foi evidentemente batista na sua fé e prática. Ele batizou mais de 120.000 pessoas na Irlanda e na Escócia, e formou muitas igrejas lá nos fins do quarto século da nossa era. Eram igrejas batistas e não católicas! (Christian, Volume I, página 178). Ele não acreditava no purgatório, batizava por imersão somente crentes confessos (nada de bebês), consagrava pastores segundo a ordem dos batistas, e não acreditava na doutrina da missa, crendo ao contrário, que a ceia é simplesmente um memorial, não um sacramento.

Austin (Agostinho) foi enviado por Gregório (bispo de Roma que governava um pouco antes do primeiro verdadeiro papa, Bonifácio III, a fim de evangelizar os pagãos e converter os bretões em cristãos católicos, no ano de 597 d.C. (Christian, volume I, página 178). Ele conseguiu converter o rei saxão Etelberto para o catolicismo, e batizou junto com 10.000 dos seus súditos no Rio Swale. Para facilitar a “conversão” dos bretões, o bispo Gregório havia instruído ao Austin para que este não modificasse de todo a religião pagã original. Deveria somente converter seus costumes e templos em ritos e lugares sagrados, com sentido “cristão”. De acordo com essas instruções, os seus templos seriam consagrados com “água benta”, e seriam edificadas altares dentro, nos quais seriam colocados as relíquias dos “santos” católicos, e ao povo seria permitido a continuar seu costume de sacrificar animais, só que isso seria doravante feito em homenagem a Cristo! Assim os pagãos não ficariam espantados por mudanças radicais, e seriam mais facilmente induzidos a aceitar a “nova religião cristã”.

Muitos cristãos britânicos, porém, encontrados lá por Austin, não o aceitavam com missionário, e não queriam reconhecer a autoridade do bispo Gregório de Roma. Eles não aceitavam “romanizar” a sua fé e prática pura e apostólica. Austin então lhes ofereceu uma espécie de “meio-termo”: seria permitido que eles continuassem nos seus costumes primitivos em todos os demais pontos, se estivessem dispostos a aceitar as seguintes **três propostas**: 1) inaugurar o batismo dos seus filhinhos (o que prova que até essa data, os cristãos da Grã-bretanha tinham conservado pura a doutrina dos apóstolos e eram batistas na prática do batismo por imersão só de crentes confessos); 2) Observar o costume romano da **páscoa** (o que prova que eles também não tinham o costume de observar “dias santos”); e 3) Unir-se à Igreja Católica para juntos pregarem aos saxões, invasores das ilhas britânicas, os quais eram na sua maioria ainda pagãos e idólatras (o que foi o primeiro esforço “ecumênico” de unificação). Os cristãos britânicos recusaram a aceitar essas propostas. Austin muito furioso, pediu a Etelberto, rei saxão, que destruísse esses “heréticos”, o qual foi realizado com zelo. Em seguida, os batistas fugiram para os distritos montanhosos de Gales. Novecentos anos mais tarde, quando se iniciou a Grande Reforma na Inglaterra, os batistas se encontravam muito numerosos naquelas regiões. Várias igrejas batistas galesas eventualmente imigraram para a América do Norte. Uma delas foi a Igreja Batista “Welsh-tract” (distrito dos galeses) de Pensilvânia.

A segunda linhagem dos batistas britânicos pode ser traçada através dos batistas (anabatistas) europeus que imigraram para Grã-bretanha. (Christian, volume I, página 182). No ano de 1.154 um grupo de alemães (paulicianos, ou batistas) imigrou para Inglaterra, saindo da Alemanha por causa da perseguição. Uma porção deles se estabeleceu em Oxford, William (Guilherme) Newberry conta do castigo terrível dado ao pastor Gerardo e seu povo. Seis anos mais tarde, outro grupo de paulicianos chega a Oxford. O rei Henrique II manda que eles sejam marcados a ferro quente nas suas testas e publicamente açoitados pelas ruas da cidade, com suas roupas cortadas à altura da cintura, e forçadas a saírem para o campo aberto. As vilas não deveriam lhes oferecer nem abrigo, nem alimento, e eles sofrerem a morte lenta do frio e da fome. (Moore, Earlier and Later Nonconformity in Oxford, 12, citado por Christian, página 182).

Walter Lollard, holandês muito eloquente por sinal, chegou a Inglaterra durante o reinado do rei Eduardo III (século doze). Diz Fuller (citado por Christian, página 183): “Ele veio do meio dos valdenses, entre os quais ele era um pastor”. Seu ministério foi tão bem sucedido que Knighton, historiador inglês, afirma que “mais que a metade do povo da Inglaterra, dentro de poucos anos, se tornaram lolardos (batistas). Eles andavam afixando um número de teses nas portas de várias igrejas (catedrais católicas) que denunciavam a vida escandalosa dos padres romanos e o erro das

suas doutrinas com respeito aos “sacramentos” (Christian, página 184). Trezentos anos mais tarde, Lutero iria imitar os lolardos ao pregar sua famosa tese de 95 itens na porta da igreja de Wittenburg. Assim se vê que os batistas já existiam por toda parte muito tempo antes de Lutero! Entre os batistas que se tornaram bem conhecidos na Inglaterra como resultado do trabalho dos lolardos, foi João Wyclif (1.371 d.C.), o qual fez uma tradução para o inglês popular da Bíblia. Ele foi, por isso, posteriormente condenado à morte. Christian na página 187 cita Hook (Lives of the Archbishops of Antebury, volume 123), que diz que os lolardos mais tarde se uniram aos anabatistas. Os lolardos continuaram até a Grande Reforma (Mosheim, Institutes of Ecclesiastical History, III, 49). Outro grande batista da Inglaterra antes dos tempos de Lutero e a Grande Reforma foi William Tyndale (1.484-1.536 d.C.) o qual também traduziu a Bíblia para o inglês do povo comum. Tornou-se também um dos mártires batistas ingleses.

Na época da reforma, surgiam muitas novas seitas. Entre elas, haviam pessoas que saíram do catolicismo e também não queriam nada com as igrejas dos reformadores. Eram chamados de “independentes”. Alguns crentes de Londres, ao estudarem o Novo Testamento, chegaram à conclusão de que precisavam do verdadeiro batismo bíblico. Como não tinham conhecimento da existência dos batistas em outras partes da Inglaterra, esses irmãos resolveram mandar um do seu grupo, Ricardo Blount, para Holanda, onde ele foi recebido e batizado por imersão por João Batte, pastor de uma igreja anabatista holandesa. Ao voltar para Londres, Blount batizou Samuel Blacklock e os dois batizaram mais 53 irmãos, dos quais se formou uma igreja batista, pela autorização da igreja anabatista de Amsterdã, da Holanda. (Crosby, History of the English Baptists, volume I, páginas 100-103). Os batistas ingleses acreditavam na necessidade de uma sucessão de igrejas desde os apóstolos em diante.

Afirma-se, por alguns historiadores, que os batistas derivam sua origem de um certo inglês, João Smyth, e do seu discípulo, Tomás Helwys. Os dois foram “seekers” (os que procuram a verdadeira igreja por julgarem que a igreja cristã ficou totalmente deturpada). Eles se batizaram mutuamente e formaram uma igreja inglesa na Holanda, para onde haviam fugido da perseguição na Inglaterra. A verdade é que a igreja deles nunca foi batista, e que nenhuma igreja batista posterior deriva sua origem e seu batismo desse movimento. Portanto, cai por terra a teoria de que se os batistas têm uma origem “humana” igual às demais seitas e denominações que surgiram na Grande Reforma!

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) O que é que Barclay diz sobre a sucessão das igrejas anabatistas com relação à da igreja romana?
- 2) Verdadeiro ou Falso:: Os batistas existem na Grã-bretanha desde o primeiro século da era cristã.
- 3) Verdadeiro ou Falso: “São Patrício”, padroeiro da Irlanda, foi um batista.
- 4) De que maneira ficou facilitado a “conversão” ao cristianismo (católico) dos pagãos da Grã-bretanha?
- 5) Quais as três propostas aos batistas britânicos feitas por Austin?
- 6) Qual o resultado da recusa dessas propostas pelos batistas?
- 7) Quem foi Walter Lollard? Qual o nome dado aos seus “seguidores?”
- 8) Quais os nomes de dois batistas ingleses famosos, antes da Grande Reforma?
- 9) Como resolveram os crentes de Londres o problema de obter-se o batismo bíblico e autorização bíblica?
- 10) Verdadeiro ou Falso. Muitos batistas têm sua origem da igreja de João Smyth.

OS BATISTAS BRITÂNICOS DÃO ORIGEM AOS BATISTAS AMERICANOS.

II. AS PERSEGUIÇÕES DOS BATISTAS DA GRÃ-BRETANHA.

Como foi no caso dos seus antecessores (isto é, os anabatista europeus, os valdenses, os paulicianos, os donatistas etc.), os batistas britânicos sofreram muito da religião dominante, a qual não vacilava em investigar o poder político para tentar liquidar os batistas e suas doutrinas neo-testamentárias. Desde a época de Austin, vimos os batistas sendo perseguidos, torturados, e mortos, através dos séculos da história britânica. Todas essas perseguições eram investigadas pela Igreja romana, a qual dominava as Ilhas Britânicas da época de Austin (600 d.C.) até o rei Henrique VIII (1.509 d.C.). A partir do momento em que ele rompeu relações com a igreja romana para poder casar-se com a Ana Bolyne, divorciando-se da primeira esposa, Caterina, declarando-se posteriormente o chefe da Igreja Anglicana (ou seja, a da Inglaterra), os batistas continuaram a sentir a mão pesada do banimento, do confisco das suas propriedades, da destruição dos seus templos, das torturas, das prisões, e das mortes. Henrique, secundado por seu homem forte, o

arcebispo de Canterbury, William (Guilherme) Warham, prosseguiu no seu propósito de destruir o último vestígio da doutrina batista. Ficou lavrada na história que vários batistas foram levados presos para comparecerem diante do arcebispo em Knoll, no dia 02 de maio de 1511. Eles afirmavam sua fé e doutrina, contrárias às católicas e às anglicanas (as quais pouco modificadas das católicas). Como temos o registro das acusações feitas contra eles, em que se afirma que negavam o poder dos padres para perdoar pecados, a inutilidade da missa e das imagens, que o pão da “eucaristia” era só pão mesmo, e a água benta do batismo continuava sendo simples água, e mais outros pontos contrários à doutrina da igreja anglicana, sabemos que eles eram batistas. Como João Smyth aparece somente no final daquele século (cerca de 1.600 d.C.), notamos que havia batistas na Inglaterra 100 anos antes desse suposto “fundador” dos batistas! Vários deles foram mortos nessa ocasião, queimados por “heresia”, entre os quais, Alice Greville, Simon Fish, e James Bainham. Essas pessoas eram envolvidas em atividades de imprimirem livrinhos e os escritos que espalhavam doutrinas batistas. Eles acreditavam que somente crentes deviam ser batizados, membros de uma igreja visível, e admitidos para a ceia do Senhor. Várias leis foram promulgadas sob o reinado de Henrique, as quais condenavam à morte quem praticasse o “re-batismo” (anabatismo). O arcebispo Latimer (famoso na história inglesa) escreve. “Os anabatistas que foram queimados em várias cidades da Inglaterra, ouvi dizer de homens dignos de confiança, foram para sua morte com coragem, sem qualquer medo, até com alegria. Então, que morram assim mesmo!”

Amônio escreveu, em 1.531, para Erasmo, reformador europeu, que tantos anabatistas foram queimados vivos na Inglaterra nessa época, que o “preço da lenha para nossas casas subiu bastante por causa dessas fogueiras, mas assim mesmo, os anabatistas continuam a crescer muito!” O Erasmo responde: “Vossa Senhoria tem razão em estar nervoso com esses heréticos por estarem encarecendo o preço da lenha, visto que está bem iminente o inverno!” Essa brincadeira mostra um senso de humor bem pervertido!

O rei Eduardo VI seguiu Henrique, e foi tão zeloso pelo extermínio dos batistas quanto o seu predecessor. Seu reinado foi de 1.547 a 1.553. Ele fazia cumprir-se as leis baixadas contra os batistas. As outras seitas dissidentes ficaram em segurança e não foram perseguidas, mas os batistas foram excluídos dessa proteção! Dois batistas foram queimados vivos durante o reinado dele. Mesmo assim, os batistas se multiplicaram por todas as Ilhas Britânicas. Como alguns historiadores afirmam que a primeira igreja batista inglesa começou em Londres depois do ano de 1.600 d.C., é interessante citar o testemunho do bispo de Londres, João Hooper, o qual escreve no ano de 1.549: “Os anabatistas chegam em grandes levadas aqui em Londres, e me dão muito trabalho!” (Christian, páginas 189-197).

Nessa época, João Calvino (da França) começou a exercer muita influência na Inglaterra. (A igreja presbiteriana, fundada por ele, se tornou, por pouco tempo, a religião oficial da Inglaterra). Ele escreve para o Lorde Protetor Somerset em 1.548 d.C.: “Os anabatistas devem ser executados com a pena de morte. Eles merecem ser punidos pela espada porque conspiram contra Deus...” (Christian, páginas 198-199). A primeira pessoa a ser queimada nesse reinado foi Joana de Kent, membro influente da igreja batista de Eythorne (Evans, *The History of the English Baptists*, volume I, página 72, citado por Christian, página 199). Era uma mulher nobre e rica, e uma crente batista zelosa e consagrada. Foi queimada na estaca no ano de 1.549.

A rainha católica, a Maria “Sanguinária”, a qual procurava estabelecer novamente a igreja católica na Inglaterra, durante os 5 anos do seu reinado (1.553 a 1.558) determinou matar todos os “heréticos”, tanto de batistas como dos reformados. Não se sabe quantas centenas de batistas morreram sob o seu reinado. A rainha Elizabete, a qual reinou até 1.603 d.C. apesar de ter voltado ao poder a igreja anglicana, continuou a perseguição dos anabatistas. Nessa época nasceu a Igreja Congregacional (os puritanos), dos quais era a colônia de ingleses que viajaram no navio “Mayflower” e fundou a colônia de Plymouth, a primeira do que seria chamado de estado de Massachusetts. Essa igreja aprendeu o sistema de regime congregacional dos batistas de Norwich, Inglaterra, e foi fundada essa igreja dos “independentes” por Roberto Browne, mas esses puritanos ao chegarem até a América não admitiam a liberdade religiosa, e perseguiam até a prisão e muitas como veremos adiante.

O rei James I (1.603 a 1.625) continuou a perseguição aos batistas, e mesmo assim, sob o seu reinado, o número dos batistas da Inglaterra foi calculado em 10.000 e Omerod, página 1.605, diz: “O seu número cresce a cada dia que passa em todos os lugares” (Christian, página 217).

IV. OS BATISTAS INGLESES CHEGAM À AMÉRICA DO NORTE.

Muitas pessoas de várias crenças religiosas saíram da Inglaterra, imigrando para as novas colônias inglesas da América do Norte. Entre elas foram muitos batistas. Na colônia puritana de Massachusetts, Cotton Mather (famoso pregador congregacional, caçador de bruxas, etc.) afirma: “Muitos dos primeiros pioneiros de Massachusetts eram batistas, eles eram tão santos, vigilantes, fiéis, e consagrados quanto aos adeptos de qualquer outra seita, talvez superando a todos!” (Magnália, II, 459, citado por Christian, página 359).

A palavra “anabatista” para os primeiros colonizadores da América tinha certa implicação de fanatismo até o ponto de rebeldia civil. A difamação de todos os anabatistas, sem nenhuma distinção, que surgiu por causa dos verdadeiros fanáticos de Münster, da Alemanha, 100 anos antes, ainda persistia na mente dos homens. Por isso em todas as 13 colônias, menos uma (a de Rhode Island), os batistas encontraram a perseguição. Mencionaremos alguns detalhes mais adiante.

Enquanto isso chega a Massachusetts Roger Williams, um anglicano que tinha se tornado um “seeker”, buscando a verdadeira igreja de Cristo. Ele estava bem inclinado para o lado dos batistas, e muito zeloso na defesa dos direitos de todos de praticarem sua religião sem incomodados pelas autoridades. Tanto é que ele acabou lavando a fama de ser o primeiro a defender a **total liberdade de religião**, e total separação do estado e da igreja, como se os batistas dos séculos anteriores tivessem derramado seu sangue sem nenhum motivo! Pelo contrário, Roger Williams havia **aprendido essa doutrina dos batistas ingleses** antes de sair da Inglaterra, o que ele fez no ano de 1.631. Ele ajudou a fundar a colônia de Rhode Island, a primeira a garantir os direitos de culto para **qualquer grupo ou seita**. Mas ele **não chegou a se unir com os batistas**. Ele acabou batizando-se a si mesmo e mais 11 pessoas, e fundando uma igreja “por conta própria” na cidade de Providence, Rhode Island, no de 1.639. Muitos historiadores, até de nome batista, caíram no engano de supor que esta fosse a primeira igreja batista da América do Norte, e que a causa batista teve sua origem com Roger Williams. Muito pelo contrário, **esta igreja durou apenas quatro meses**, de modo que nenhum batismo e nenhuma igreja batista **acha sua origem com esta igreja!** (Cotton Mather, citado por J.R. Graves, “The first Bapstis in America”, página 36). A igreja batista de Providence, que ainda existe, realmente iniciou-se anos mais tarde, no ano de 1.652, 13 anos depois de Roger Williams, e foi organizada e pastoreada por três pastores batistas: Charles Brown, Wickenden, e Dexter. O motivo por que a igreja organizada (realmente “fundada”) por Williams acabou sendo desfeita foi o próprio Williams “deixou os batistas e tinha declarado publicamente que **não existia nenhuma igreja nas colônias que tinha autoridade para ministrar as ordenanças**, apesar dos batistas chegarem mais próximos à igreja verdadeira!” (Dr. Adlam, citado por Graves, página 35).

Se não foi Roger Williams, quem foi o primeiro a organizar uma igreja batista no continente novo da América do Norte? Foi João Clarke, o qual chegou da Inglaterra e organizou a igreja batista de Newport, Rhode Island, no ano de 1.638, um ano antes da igreja “espúria” de Roger Williams (Graves, página 13). Diz Christian, volume I, página 374-375): “Os batistas da América não têm sua origem em Roger Williams. Benedict, página 364, menciona o nome de **cinquenta e cinco igrejas batistas**, inclusive do ano de 1.740, na América, e nenhuma delas saiu da igreja de Roger Williams fundou em Providence”. J.P. Tustin (Discourse Delivered...”, página 38) diz o seguinte sobre a origem das primeiras igrejas batistas da América: “E um fato geralmente conhecido que muitas das igrejas batistas do nosso país têm sua origem de igrejas batistas de Gales (Grã-bretanha), um país que sempre serviu de berçário dos princípios peculiares aos batistas. Nas colônias originais do nosso país, multidões de imigrantes galeses, ao saírem do seu próprio país, trouxeram com eles as sementes desses princípios batistas, e seus pastores e membros deitaram o alicerce de **muitas igrejas batistas** da Inglaterra Nova (o que se chamava o nordeste dos E.U.A. no início). As igrejas, portanto, deste país, foram feitas de membros que vieram diretamente da Inglaterra (Christian, página 375).

A primeira sede da pura democracia das Américas foi fundada, então, pela influência batista de João Clarke e Roger Williams, no ano de 1.641. Esse patrimônio tão precioso das Américas deve então aos batistas, depois de séculos de luta!

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) Verdadeiro ou Falso: Quando Henrique rompeu relações com o Papa e a igreja católica, o mesmo concebeu total liberdade de culto aos batistas ingleses.
- 2) Por que motivo, segundo Amônio, o preço da lenha subiu tanto (no ano de 1.531?)
- 3) Verdadeiro ou Falso: sob o reinado do rei Eduardo VI, todas as seitas, menos os batistas, foram protegidas pela lei.
- 4) Dá o nome de uma mulher batista famosa da Inglaterra, queimada viva sob o reinado de Eduardo.
- 5) Verdadeiro ou Falso: João Calvino se tornou amigo dos batistas ingleses.
- 6) Indique o nome do fundador e o lugar da origem dos “puritanos”, e de quem o fundador aprendeu o “congregacionalismo”.
- 7) Quantos batistas ingleses havia no ano de 1.605 D.C.?
- 8) Verdadeiro ou Falso: Roger Williams foi o primeiro a defender a tese da liberdade de religião.
- 9) O que aconteceu com a igreja fundada por Roger Williams?
- 10) Dá o nome do pastor da primeira igreja batista da América, bem como o local e a data da organização.

OS BATISTAS DA AMÉRICA DO NORTE.

I. AS PERSEGUIÇÕES.

Acostumamos como estamos atualmente com a liberdade total de religião, achamos difícil imaginar que os batistas tivessem que enfrentar duras provas de perseguições, mesmo aqui nas Américas. A perseguição religiosa não se restringe à época da Grande Inquisição da Europa. Na América do Norte, grupos que haviam fugido de perseguições na Inglaterra fundaram colônias em que era considerado crime a religião oficial estabelecida por eles. Os puritanos fizeram da Igreja Congregacional (fundada na Inglaterra por Roberto Browne) a religião oficial de Massachusetts e baixaram leis que castigavam todos quantos fossem dissidentes da mesma. Todos os cidadãos eram obrigados a participar, e quem não batizasse suas criancinhas, assistisse aos cultos, tomando a ceia (congregacional) com regularidade, seria punido por multas, e por vezes com açoites em praça pública. Os batistas infiltraram essa colônia e fazia seus protestos dando as costas na hora do batismo do bebê.

Certo batista pelo nome de William Witter vem ao caso como exemplo dessas perseguições. Segundo as atas das igrejas puritanas de Salem (Massachusetts), ele foi excluído “por se ausentar das ordenanças públicas (da igreja) durante nove meses, e por ter se convertido em batista, deixando-se batizar “de novo”. O fato é que ele tinha viajado até Newport em Rhode Island, a verdadeira “ilha” de liberdade e refúgio de todas as colônias, onde reinava a liberdade total de religião, e lá se batizou e foi recebido como membro da primeira igreja batista da América por João Clarke. Acontece que o irmão Witter pediu a seu pastor que fosse visitá-lo, realizando um culto na casa dele, lá em Salem, em “pleno território puritano”. Esse pedido o pastor Clarke atendeu, já que o irmão Witter era velho e impossibilitado de ir aos cultos tão longe em Newport. Enquanto pastor Clarke estava pregando, explicando as Escrituras, na casa do irmão Witter, dois delegados invadiram a casa e o prenderam. O pastor estava acompanhado por mais dois irmãos de Newport, Obadias Holmes e João Crandall, os quais foram também presos. Isso aconteceu na noite de 19 de julho de 1.651 (Christian, volume I, página 379). O governador puritano de Massachusetts, Endicott, os acusou de serem “anabatistas”. Eles responderam que eram batistas, não “anabatistas”. Foram julgados sem júri, pelos magistrados. Sua sentença foi a de, ou pagar multa alta, ou aceitar serem açoitados em praça pública. Alguns amigos pagaram as multas, contrário à vontade dos presos. Soltaram Clarke e Crandall, mas Obadias Holmes insistiu em não aceitar ser solto, pois, afirmava que não era criminoso, e não tinha feito coisa alguma de que fosse envergonhado. Foi devidamente açoitado com trinta golpes de chicote. O sangue escorria e a carne ficou totalmente rasgada, mas ele disse ao carrasco no final, “me batam com rosa!” Ele afirmava que durante o castigo, Deus lhe proporcionava tanta paz que ele não chegou a sofrer tanto. Mas durante várias semanas ele não podia descansar o corpo, sendo necessário dormir “de quatro”, apoiando-se nos joelhos e nas mãos.

Também a colônia de Virgínia, onde a igreja anglicana dominou até a Revolução de 1.776, pela qual a América ganhou sua liberdade da Inglaterra, os batistas foram muito perseguidos. Por causa disso, quando o Congresso continental se reuniu para debater a nova constituição da nova república dos Estados Unidos da América do Norte, os

batistas se fizeram representar e pediam, através dos estadistas James Madison e Thomas Jefferson, para que a plena liberdade de culto fosse garantida na constituição. Isso foi combatido por aqueles que desejam ver estabelecida alguma igreja como oficial, mas os batistas ganharam a causa, e mesmo depois de adotada a constituição, e pela influência do primeiro presidente, o general George Washington, foi adotada pelo novo Congresso a primeira emenda à constituição que diz: “O congresso não fará nenhuma lei regulamentando os artigos da fé, nem o modo de culto, ou que proíba o exercício livre da religião, ou restringindo a liberdade de comunicação ou da imprensa, ou impedindo o direito do povo de pacificamente se reunir, ou de pedir ao governo a correção de qualquer injustiça pública”. (Christian, volume I, páginas 381-392). Assim fica claro que o patrimônio da liberdade religiosa das Américas é uma dívida dos batistas aos povos americanos! Afinal, eles tinham lutado durante quase dezoito séculos para alcançá-la!

II. AS CLASSIFICAÇÕES DOS BATISTAS

Desde a época da grande reforma, quando os batistas ficaram mais bem conhecidos na Inglaterra, os batistas tinham principalmente duas “divisões”, ou categorias. Crosby, volume I, páginas 173-174 diz: “Desde o início da Grande Reforma, houve dois grupos de batistas ingleses: aqueles que aderiram ao sistema de doutrina calvinista, portanto adotam a doutrina de eleição pessoal, são chamados de Batistas Particulares (crendo que Cristo morreu para salvar somente “os eleitos”); e aqueles que crêem nas doutrinas “armenianas”, principalmente na doutrina da redenção universal (que Cristo morreu por todos os homens, ou seja, por todos os descendentes de Adão), são chamados de Batistas Gerais... Mas também tem havido sempre outros que não aceitavam ser chamados por qualquer um desses nomes, porque eles recebem o que julgam ser a verdade (bíblica) sem respeitar o sistema de doutrina com o qual possa vir a concordar ou a discordar”.

Ao chegarem nas colônias inglesas do “novo mundo” (da América), os batistas particulares passam a ser chamados pelo nome de “Batista Regulares”. Esse nome nada tem a ver com o grupo atualmente chamado de “batistas regulares” (veremos mais adiante a origem do grupo atual). Os batistas gerais passam a ser chamados de batistas “separados”. Esse último grupo, na época dos grandes “avivamentos” ocasionados pela vinda de George Whitefield, o evangelista metodista, da Inglaterra, o qual pregou por toda a “nova Inglaterra”, chegou a ser denominado como “batistas nova-luz”. Eles eram muito entusiasmados no evangelismo, e, seus cultos muito animados. Como resultado do grande “despertamento geral” de 1.800, os batistas cresceram por todos os Estados Unidos (que nessa época ocupava a região oriental da América do Norte, desde o mar Atlântico até ao Rio Mississippi). Ganharam milhares e milhares de novos convertidos. Muitos dos que convertiam pelas pregações de George Whitefield se tornaram batistas. Whitefield era realmente um anglicano, mas aderente ao novo movimento metodista da época, da Inglaterra, o qual procurava “avivar” a igreja anglicana, mas que posteriormente separou-se da mesma. George Whitefield muito desagradou tanto aos anglicanos, como puritanos da nova Inglaterra, devido à sua insistência na necessidade de se crer apenas o que ensinam as Escrituras! Como resultado de assim orientar os novos convertidos a buscarem na Bíblia as doutrinas certas, muitos deles passaram para as igrejas batistas. Por outro lado, os metodistas da América iniciaram o grande movimento avivalista de “camp-meetings” (acampamentos), nos quais comunidades rurais inteiras se ajuntavam em determinado local, para lá “acamparem” durante semanas a fio, ouvindo, todos os dias, pregações, muitas das quais eram extremamente emocionais e do tipo que atualmente se chama de “pentecostal” ou “carismática”. Em tais ocasiões os ouvintes ficavam acometidos de vários tipos de “manifestações” tais como: pular, agarrar-se ao tronco de uma árvore e ficar convulsionando, sacudindo o corpo em movimentos súbitos e espasmódicos. Outros ficavam de quatro, em posição de cachorro, e ficavam mesmo latindo em imitação a um cão. Muitos outros excessos foram registrados. Mas entre os batistas, o avivamento foi calmo e profundo, e resultou em um acréscimo realmente volumoso em todas as suas igrejas, espalhados pelo país. (Christian, volume II, páginas 355-363, ver especialmente a página 364). Diz Christian que ao menos 10.000 novos membros foram acrescentados às igrejas batistas durante o espaço de apenas dois ou três anos (página 365).

Eventualmente, no ano de 1.787, houve uma união entre os batistas regulares e os batistas separados, os quais chegaram a adotar o nome de “Batistas Unidos”. Os batistas em geral não eram mais extremamente “calvinistas”, e também as doutrinas puramente “armenianas”, tais como a de que o crente está em perigo de ainda perder a sua salvação (contrário à doutrina da segurança dos salvos), foram-se desaparecendo. Aqueles que queriam ficar com essas doutrinas “armenianas” chegaram a ser novamente chamados de “batistas ‘free-will’ (livre-arbítrio)”, e “batistas gerais”. (Christian, página 279ss).

Desde o ano de 1.830, surgiram duas divisões notáveis no meio dos batistas. Uma foi a dos “batistas primitivos” (ou “hardshells” “cascas-duras” como são popularmente chamados) os quais caíram para o lado do “ultra-calvinismo”, negando até a necessidade de pregações evangelísticas, escolas dominicais, trabalhos missionários etc. Criam que Deus haveria de salvar “seus eleitos” sem nenhum esforço da parte dos crentes. Esse grupo se separou dos batistas “missionários” neste ano, liderados por Josué Lawrence e Daniel Parker. Outra divisão pela mesma época, foi liderado por Alexandre Campbell, e eventualmente levou à origem da seita “Igreja de Cristo” ou “Discípulos de Cristo” (existem essas duas divisões da seita até agora). Ele (Campbell) pregava a doutrina da “regeneração batismal”, aceitando a idéia batista do batismo só de adultos, mas com finalidade de obter-se a remissão dos pecados através do próprio “ato de obediência” do batismo. Essa seita também se acha atualmente no Brasil. Os batistas da América do Norte os chamam freqüentemente de “campbelitas”. (Christian, volume II, páginas 404-436).

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) De que maneira os batistas mostravam seu desagrado na hora do batismo de um bebê “puritano” de Massachusetts?
- 2) Qual o nome do irmão batista que foi açoitado pelos puritanos, no caso citado?
- 3) Verdadeiro ou Falso: Os batistas nada fizeram para se conseguir a garantia de liberdade religiosa na constituição norte-americanos.
- 4) Por que os batistas particulares ganharam esse nome? Por que os batistas gerais?
- 5) Como vieram a ser chamados os particulares e os gerais na América?
- 6) Verdadeiro ou Falso: George Whitefield era um grande evangelista batista inglês.
- 7) Mencione algumas “manifestações” dos cultos de acampamento durante o grande despertamento de 1.800.
- 8) Explique como os regulares e separados se uniram, e qual o seu novo nome?
- 9) O que foi que Daniel Parker pregava, e qual a seita fundada por ele?
- 10) Qual era o nome do fundador da Igreja de Cristo? _____

OS BATISTAS DA AMÉRICA DO NORTE.

III. A POSIÇÃO DOUTRINÁRIA DOS BATISTAS COM RESPEITO AO BATISMO ALHEIO OU ESTRANHO

Christian dedica cinco páginas do segundo volume da sua “History of the Baptists”, páginas 437 a 441, para a discussão desse tema, e cita caso após caso que ilustra a posição rigorosa dos batistas originais das Américas com respeito à recepção, por parte das igrejas batistas, de imersões (para mencionar os batismos infantis realizados pela aspersão) ministrados por qualquer grupo ou ministrante fora das igrejas batistas. Christian deixa fora da dúvida a conclusão de que quase todos os batistas americanos durante os 200 primeiros anos adotavam a posição agora ocupada pelas igrejas batistas de linhagem e doutrina histórica. No final da discussão, ele cita o afamado e respeitado historiador batista, Benedict, o qual, no ano de 1.848, diz: “Achei, através de larga correspondência, que a maioria da nossa denominação (batista) batiza ‘de novo’ e consagra ‘de novo’ os pastores, e todos quantos querem ingressar nas suas igrejas, vindos de qualquer outra igreja ou denominação”. (Christian, volume II, página 441). Essas citações, das quais nos falta espaço para registrar todas, confirmam a posição dos batistas atuais de comunhão “estreita”, que afirmam que a posição é realmente a defendida no passado pelos batistas, e que os que usam o “rótulo” de batista, e aceitam batismos de outras denominações, são os que se desviaram da posição primitiva.

IV. AS ASSOCIAÇÕES E CONVENÇÕES

As duas organizações gerais mais presente na vida batista são associações e convenções. As associações aparecem entre os batistas particulares e os batistas gerais da Inglaterra desde 1.640 a 1.660 (Christian, volume I, páginas 313-329). Essa organização teve por finalidade promover a confraternização das igrejas batistas, e visava maior união de esforços para a evangelização e para os trabalhos missionários. Dava aos batistas os meios de se conhecerem melhor. Nos Estados Unidos atualmente esse sistema de organização é usada por muitas igrejas batistas de fé e doutrina iguais às das nossas igrejas independentes brasileiras atuais. As associações também procuram identificar

tendências heréticas que possivelmente possam penetrar no meio das igrejas e servir de uma proteção ou escudo para as igrejas. O problema maior dessas organizações é o de conter e restringir a sua própria autoridade, para que as mesmas não venham a dominar as igrejas e lhes roubar a sua autonomia e independência. Essas associações são freqüentemente sacudidas com idéias e filosofias estranhas aos princípios bíblicos, e as divisões são cada vez mais freqüentes, formando-se novas associações, por causa do zelo de certos elementos pelo princípio da autonomia das igrejas, e por causa de tendências que deturpam os princípios originais. Ocasionalmente, se ouve de uma reunião de “mensageiros” de determinada associação que chega a “disciplinar” alguma igreja, expulsando-a da sua confraternização por meio de votação. Por esses e outros motivos (entre os quais, o fato de essas organizações não se encontrarem na Bíblia), os batistas independentes preferem confraternizar-se sem organizarem esse tipo de organização.

Outro tipo de organização geral no meio dos batistas é o da convenção. A primeira, a Convenção trienal “chamada assim porque os representantes das igrejas se reuniam uma vez em cada três anos) foi organizada nos Estados Unidos no ano de 1.814 (Christian, volume II, páginas 392 ss). Essa organização teve por finalidade declarada na sua constituição a de “organizar um plano que visa evocar, unir, e dirigir as energias da denominação (batista) inteira em um grande esforço para mandar as boas novas de salvação para os pagãos e para as nações destituídas da luz pura do Evangelho etc...” A representação nas suas reuniões era baseado na contribuição de, no mínimo, cem dólares por ano.

Apesar das boas intenções dos seus fundadores, o sistema de convenções tem gerado no meio dos batistas, muitas divisões e brigas. Ano após ano, centenas de igrejas norte-americanas saem das convenções devido às tendências notadamente heréticas, e antibíblicas, as quais dominam as suas instituições, principalmente os seus seminários e as suas faculdades, as quais abrigam professores incrédulos e até ateístas, que procuram minar a autoridade da Bíblia como a verdadeira Palavra de Deus. Eles são pagos por dinheiro batista para ensinar suas heresias. Esse dinheiro é mandado pelas igrejas para seu plano cooperativo, controlado pela liderança da convenção. Os batistas independentes têm motivos demais para trabalharem totalmente desligados de tais organizações.

V. GRUPOS DE BATISTAS

A convenção trienal se dividiu em duas partes no ano de 1.845, quando se formou a convenção batista do sul dos Estados Unidos, a qual mandou os primeiros missionários batistas para o Brasil, o que resultou na formação da convenção batista brasileira. Os batistas do norte ficaram conhecidos pelo nome de “Convenção Batista do Norte”. Outras igrejas batistas do norte, e principalmente certas igrejas do sul do E.U.A., continuavam independentes como batistas, sem outro apelido. Normalmente, os batistas do sul do país ficaram com o nome geral de “batistas missionários”, nome esse que os distinguia dos “primitivos” (anti-missionários) que se separavam dos batistas no ano de 1.830.

A convenção do norte se liberalizou mais rapidamente do que a do sul, confraternizando-se com as demais denominações. Na sua eclesiologia, a convenção do norte chegou a adotar o conceito protestante da igreja universal e invisível, contrariando a posição batista primitiva, que defende a doutrina da igreja somente local. Pela influência dessa idéia, houve uma abertura quase completa nessas igrejas, as quais começaram a aceitar o batismo alheio, isto é, o de outras denominações. A ceia também ficou aberta para a participação de pessoas não batistas, ou de batistas que eram membros de outras igrejas.

Houve logo, nessa convenção, desvios doutrinários graves. Certos pastores e líderes destacados chegavam a negar que Cristo nascesse de uma virgem; negavam que a Bíblia fosse verdadeiramente inspirada pelo Espírito Santo; negavam os fatos históricos da Bíblia; negavam a doutrina da redenção pelo sangue de Cristo, enfim, atacavam muitas das doutrinas históricas dos batistas e dos evangélicos em geral. Houve dentro da convenção um movimento para recuperar esses “fundamentais” da fé, mas isso não foi possível. A convenção do norte já havia se desviado ao ponto de não mais se “purificados”. Foi então que vários irmãos se separaram da mesma, formando mais dois grupos de batistas. O primeiro foi o dos batistas regulares (General Association of Regular Baptists churches), associação essa que se organizou no ano de 1.932 na cidade de Chicago, estado de Ilhinois. O segundo grupo a se separar da convenção do norte foi o dos batista conservadores, os quais organizaram a Associação Batista Conservadora no ano de 1.947, na cidade de Atlantic City, estado de Nova Jersey. Ambos esses grupos estabeleceram trabalhos missionários no Brasil. Nenhum dos grupos conserva até hoje a doutrina, aprendida dentro da convenção do norte, de **duas igrejas**: a universal

e invisível, e a local e visível. Naturalmente a adoção da doutrina da igreja universal abriu as portas para a recepção de imersões estranhas de outras denominações, e para a prática da “ceia aberta”. Os pastores dessas igrejas não vêem dificuldade em receberem o batismo pentecostal e imersões de outras denominações. Torna-se impraticável, portanto, para as igrejas independentes, a troca de cartas ou a aceitação de batismos ministrados por essas igrejas. (Os dados históricos citados acima, bem como os seguem, se baseiam em informações fornecidas pelo livrinho: “Who are the Baptists?”, publicado pela imprensa da Associação Batista Americana, Terxakana, páginas 28-56).

Outro grupo já conhecido no Brasil é o dos batistas bíblicos. A “Confraternização Batista Bíblica” teve sua origem com um movimento conhecido de primeiro nome, Batistas Fundamentais, mas atualmente pelo nome, “Confraternização Batista Mundial”. J. Frank Norris, de Fort Worth, estado de Texas, E.U.A. foi quem encabeçou esse movimento na primeira parte do século XX. Esse grupo de batistas se separou da convenção do sul e, portanto, de modo geral, conservaram a eclesiologia batista da igreja local. Discordando com a política demagógica do fundador, J. Frank Norris, vários pastores induziram suas igrejas a se separarem dos “fundamentalistas” e formarem nova confraternização, a dos “bíblicos”. Entre os líderes mais destacados, que formaram o novo grupo de “batistas bíblicos”, no ano de 1.950, foram G.B. Vick e W.E. Dowel. O seminário e os escritórios principais desse grupo se encontram na cidade de Springfield, estado de Missouri. O primeiro missionário desse grupo para o Brasil, Byron MacCartney, adotou várias igrejas interdenominacionais e delas “fez” ou as converteram em igrejas batistas, sem, porém, a devida re-estruturação doutrinária, e sem o “re-batismo” batista. Os pastores das suas igrejas no Brasil adotam em geral a doutrina da “igreja universal” e o batismo estranho proveniente dessa doutrina. O que dissemos acima a respeito das igrejas “regulares” e conservadoras, também se aplica aos “bíblicos”.

Existe outro grupo relativamente grande de igrejas batistas, os quais zelam pelos princípios batistas, em matéria de eclesiologia, mas adotam o sistema de associações. Essas igrejas se chamam de “igrejas batistas missionárias” e são o maior grupo organizado em associações, de igrejas batistas da América que ainda conservam firme as doutrinas batista. Sua organização nacional se chama: “A Associação Batista Americana”. Foi organizada no de 1.924 por igrejas que tinham saído na sua maior parte, da convenção do sul, ou que nunca tinham sido ligados à convenção, e sim, tinham confraternizado com igrejas da mesma fé e ordem das associações locais e estaduais. Houve uma divisão nessa associação em 1.950, e surgiu a “Associação Batista Missionária da América”. Essa última separou-se da primeira por motivos de divergências na liderança, e não por motivos doutrinários. Eles têm algumas igrejas aqui no Brasil.

Existem milhares de igrejas batistas na América do Norte que defendem a doutrina verdadeiramente batista, mas que não optam pertencer a qualquer uma dessas organizações estudadas. Essas igrejas enviam missionários e os sustentam, para que possam organizar igrejas batistas no Brasil, firme na doutrina batista. O título “independente” não faz parte, oficialmente, do nome dessas igrejas, por se tratar de uma expressão larga no seu sentido. Algumas igrejas de doutrina pentecostal se chamam de batistas independentes. Lá na América do Norte, há igrejas que adotam esse nome, mas não são fiéis aos princípios batistas.

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) Verdadeiro ou Falso: A maioria dos batistas originais da América era relaxada quanto à recepção de “batismo estranho”.
- 2) Verdadeiro ou Falso: Associações batistas existem desde a época dos apóstolos.
- 3) Qual a base de representação nas convenções batistas?
- 4) Qual a declarada intenção da convenção, com relação às igrejas?
- 5) Verdadeiro ou Falso: A convenção do sul dos E.U.A. já se desviou dos princípios básicos dos batistas.
- 6) Qual das convenções (a do norte ou a do sul) dos E.U.A. foi a primeira a “liberalizar-se”?
- 7) De qual das duas convenções saíram os movimentos batistas regulares (atuais) e conservadores?
- 8) Qual é a prática desses dois últimos quanto à questão de aceitar o batismo “estranho”?
- 9) Por que motivo não será recomendável receber os batismos pelos “batistas bíblicos”?
- 10) Por que é que não aceitamos o título de “independente” como nome oficial?

OS BATISTAS DO BRASIL.

I. SUA ORIGEM

(Os seguintes dados são na maior parte, extraídos do livro escrito pelo missionário batista da convenção do sul dos E.U.A., A. R. Crabtree: “Baptists in Brazil”, publicado pela Casa Publicadora Batista da Convenção Batista Brasileira, da edição de 1.953. Esse livro existe também em português, mas as citações nesta apostila são da edição em inglês).

Depois da guerra civil dos E.U.A., que terminou pelo ano de 1.864, um grupo de colonizadores saiu dos estados do sul dos E.U.A. para se radicar no Brasil, perto de Santa Bárbara, estado de São Paulo. Havia alguns batistas no grupo, os quais se organizaram no ano de 1.871 em uma igreja autônoma, e apelaram para a junta de missões estrangeiras da Convenção do Sul dos E.U.A., localizada em Richmond, Virgínia, para que a mesma enviasse missionários de lá para o Brasil. Finalmente, veio o casal W.B.Bagby, e também Z.C. Taylor com sua esposa. O primeiro desses casais chegaram aqui no Brasil em 1.881. Até o ano de 1.899, havia 15 missionários norte-americanos e 1.500 batistas brasileiros, como resultado dessa iniciativa. Deve-se lembrar que no início era muito difícil evangelizar os brasileiros devido à situação política da Igreja Romana no Brasil, a qual, até o ano de 1.889, era a igreja oficial. Os batistas foram freqüentemente perseguidos. Certa vez quando o pastor Bagby estava pregando, uma turba começou a jogar pedras através das janelas. Uma delas atingiu o pastor na testa e o deixou caído no chão inconsciente. O outro missionário presente irrompeu em lágrimas, não pelo pastor Bagby, mas porque não era ele a pessoa que teve a felicidade de sofrer por Jesus Cristo! Isto mostra a fibra dos primeiros obreiros batistas mandados para o Brasil. Diga-se, de passagem, que esses primeiros trabalhos foram bem batista, sem nenhuma mistura de interdenominacionalismo. Debates eram freqüentes entre os pastores batistas e os de outras denominações, como da presbiteriana, a respeito do batismo bíblico (o livro registra que W.C Taylor confronta em debate um pastor presbiteriano, dando provas cabais do significado do batismo bíblico praticado pelos batistas).

Desde o ano de 1.950, a convenção batista brasileira ficou dividida, e a nova “convenção nacional” toma a posição doutrinária carismática, afirmando a validade e uso de todos os dons apostólicos, inclusive o “das línguas estranhas”. Esses batistas às vezes são chamados de “Batistas Pentecostais”. Não são reconhecidos como ocupando a posição doutrinária batista, havendo desvirtuado o nome nobre e significativo de batista.

II. A SITUAÇÃO ATUAL.

Sem entrar em pormenores quanta às estatísticas do crescimento dos batistas da convenção, compete aqui apenas as seguintes observações. Infelizmente a convenção brasileira sofre de muitas influências antibíblicas, muitas das quais vêm da outra América, trazidas freqüentemente por missionários e professores das escolas, colégios, faculdades, institutos bíblicos, e seminários batistas da convenção do sul. A doutrina da igreja universal e mística, a qual abre caminho para o ecumenismo, está sendo aceita cada vez mais, por um número maior de líderes batistas da convenção brasileira. Pastores formados nos seminários estão espalhando a doutrina de Karl Marx (fundador do comunismo), Freud, e outras filosofias nocivas e antibíblicas. Muitas das maiores igrejas estão aos poucos abrindo-se para a aceitação do “batismo estranho”, e para a prática de ceia aberta. É freqüente, principalmente nas igrejas batistas da convenção que se encontram nas cidades grandes, a “troca de púlpitos”, o que significa que pastores de outras denominações, e em alguns casos, até padres católicos, são vistos em púlpitos batistas. Por esse motivo é aconselhável a maior cautela na aceitação de membros dessas igrejas, tornando-se necessário da parte de igrejas que desejam conservar-se dentro dos padrões antigos, fazer “sindicância” dos candidatos e das igrejas a respeito da sua origem, para constatar a regularidade dessas igrejas quanto à sua doutrina e ao seu batismo.

Do ano de 1.957 a 1.959, chegaram ao Brasil os três missionários pastores Steve Harold Montgomery, Jerry Donald Ross e Eldwyn D. Rogers. Foi organizada a primeira igreja batista, independente de qualquer convenção ou associação, no bairro de cidade Leonor, do Jabaquara, na capital de São Paulo. Os missionários foram autorizados por suas respectivas igrejas da outra América para organizarem tal igreja, a qual foi inaugurada com dois dos missionários e suas respectivas esposas e mais dois irmão brasileiros, no dia 7 de dezembro de 1.958. No dia 13 de janeiro de 1.963, o missionário Bill (William) Heslep organiza a Igreja Batista de Vila Espanhola, na casa verde alta, zona norte da cidade de São Paulo. Dessas duas primeiras, vem-se espalhando a obra, agora contando com várias igrejas e congregações na capital, bem como no interior do estado, e em outros estados do Brasil. A confraternização dessas igrejas estende-se ao norte do Brasil e abrange outros missionários e seus trabalhos bíblicos e batistas.

Essas igrejas não são somente independente, como também igrejas “missionárias”, as quais estabelecem congregações, enviam e sustentam obreiros para a implantação de novos trabalhos. Todos esses esforços missionários são realizados através dos princípios bíblicos de missões “diretas”, ou seja, de relações diretas entre a igreja e obreiro. Não se cogita a formação de juntas ou organizações “intermediárias”. As igrejas colaboram umas com as outras em confraternização livre e espontânea.

O nosso pedido a Deus se baseia na exortação do nosso Senhor Jesus Cristo quando disse: “A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros. Rogai pois ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara!” (Mateus 9:37-38). Que Deus abençoe os variados esforços, entre os quais o Instituto Bíblico Batista Independente, instituto esse patrocinado pela Igreja Batista em Vila São Pedro, capital, São Paulo, que estão sendo realizados para ajudar no preparo de mais obreiros. Pedimos que o Senhor chame mais obreiros para a obra!

PONTOS PARA PENSAR:

- 1) Onde foi organizada a primeira igreja batista no Brasil, e qual a data?
- 2) Dê o nome dos dois primeiros missionários norte-americanos enviados ao Brasil pela junta de Richmond.
- 3) Falso ou Verdadeiro: O primeiro trabalho batista brasileiro era muito relaxado em matéria de doutrina batista.
- 4) Qual a posição doutrinária da Convenção Batista Nacional, que se separou da primeira?
- 5) Verdadeiro ou Falso: A liderança da Convenção Brasileira está conduzindo os batistas da convenção em direção ao desvio das doutrinas batistas.
- 6) Como penetra nas igrejas da convenção as más influências?
- 7) Qual a maneira mais segura de aceitar membros de igrejas batistas da convenção?
- 8) Qual é o sistema de obra missionária praticado pelas nossas igrejas batistas independentes?
- 9) Por que não se deve cogitar a organização de juntas ou outras organizações para facilitar a cooperação das igrejas?
- 10) Verdadeiro ou Falso: É Deus quem chama o obreiro e o instituto apenas serve de ajuda para que ele aprenda e se prepare melhor para a obra.